

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

LUCIVANIA MOTA DE JESUS

**O JOGO DAS PERCEPÇÕES: O QUE REVELAM AS CRIANÇAS
SOBRE A ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL**

Salvador
2016

LUCIVANIA MOTA DE JESUS

**O JOGO DAS PERCEPÇÕES: O QUE REVELAM AS CRIANÇAS
SOBRE A ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Curso de Especialização em Docência na Educação
Infantil, Universidade Federal da Bahia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Vera Lúcia da Encarnação
Bacelar

Salvador
2016

LUCIVANIAMOTA DE JESUS

**O JOGO DAS PERCEPÇÕES: O QUE REVELAM AS CRIANÇAS
SOBRE A ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Docência na Educação Infantil, da Universidade Federal da Bahia.

Aprovada em 18 de junho de 2016.

Vera Lúcia da Encarnação Bacelar – Orientadora _____
Doutora em Educação

Meire Rosa Ferreira Boaventura _____
Especialista em Educação Infantil

Salvador
2016

Dedico este trabalho à minha mãe, exemplo de amor, força e coragem, e aos meus irmãos Joilson e Vaneide, que mesmo não estando na Universidade se fazem sonhadores e realizadores junto comigo.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me concedido o dom da vida e ter sido meu sustentáculo na condução deste trabalho.

À senhora Luzenilda Maria Mota de Jesus - minha mãe, por ter me proporcionado o contato com as letras e ensinado a importância de estudar e chegar à universidade.

A todos meus familiares que sempre me apoiaram na luta por novas conquistas, especialmente meus irmãos.

Ao meu esposo Edney, pelo carinho, apoio e compreensão sempre.

Às colegas de turma especialmente a “panelinha” de Serrinha, pelos momentos de aprendizagens e alegrias ao longo das viagens, sem jamais perdermos o brilho do sorriso e a certeza que tudo ia dar certo.

Às colegas Aline e Manuela, pela força e orientação nas horas de desabafo, dos árduos e felizes momentos de construção deste trabalho

Às crianças, essência deste trabalho, que participaram brilhantemente da pesquisa.

A todos os educadores que fizeram e fazem parte da minha trajetória educacional, de modo especial, as professoras Neuza e Regina que num misto de doçura e rigidez, conduziram a nossa trajetória ao longo do Curso de Especialização.

A minha orientadora Vera Bacelar, por tentar cultivar em mim a calma e a paciência, com sua doçura e incentivos sempre.

Aos meus colegas de trabalho, pela luta nossa de cada dia, por uma educação melhor.

Aos familiares, e amigos, só posso reafirmar os meus agradecimentos. E o mesmo faço a todos que de uma forma ou de outra auxiliaram no decorrer do trabalho.

A todos vocês gratidão e carinho.

Porque se a gente fala a partir de ser criança, a gente faz comunhão: de um orvalho a sua aranha, de uma tarde e suas graças, de um pássaro e sua árvore.

(BARROS, 2003).

JESUS, Lucivania mota de. **O jogo das percepções**: o que pensam as crianças sobre a escola de educação infantil. 79 fls. (TCC de Especialização) Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2016.

RESUMO

O presente trabalho versa sobre a escola de educação infantil do ponto de vista das crianças. Desta forma, entender o que pensam as crianças sobre a sua escola se constitui como questão central no desenvolvimento desse estudo. Para tanto tem-se como objetivos compreender o que as crianças pensam sobre sua própria escola. Para tanto, surgiu a necessidade de outros objetivos, dando os primeiros passos buscou-se: identificar qual o significado da escola de Educação Infantil para as crianças; promover momentos distintos para que as crianças pudessem expressar seus gostos e opiniões sobre a escola; analisar as concepções das crianças a partir dos referenciais teóricos estudados, considerando as variadas manifestações do pensamento infantil: linguagem oral, gráfica, psicocorporal.. O aporte teórico, que balizaram e dialogaram com o presente estudo foi constituído pelas produções inspiradas nos pressupostos da Sociologia da Infância, tais como: Sarmiento (2008); Corsaro (2011); Oliveira-Formosinho (2008) dentre eles, propondo uma reflexão sobre o percurso histórico da constituição dos direitos da criança, com atenção especial, ao direito à voz. Esta pesquisa foi realizada a partir de uma metodologia de inspiração etnográfica com abordagem qualitativa. A pesquisa revelou que esse movimento de escuta das vozes infantis favorece a compreensão da escola ideal na perspectiva da criança, essa escola é vista por elas como um espaço de aprendizagem e brincadeira. Desse modo esse trabalho nos proporciona refletir sobre o contexto das escolas de Educação Infantil, pautados na valorização e dos olhares e dizeres infantis.

Palavras-chave: escola infantil, criança, escuta sensível.

JESUS, Lucivania motorcycle. The set of perceptions: what they think children about school children's education. 79 pgs. (Specialisation TCC) Faculty of Education, Federal University of Bahia. Salvador, 2016.

ABSTRACT

This paper deals with the school of early childhood education from the point of view of children. Thus, to understand what they think children about their school constitutes a central issue in the development of this study. For that we have as objective to understand what children think about their own school. Therefore, the need for other goals came, taking the first steps aimed to: identify the significance of early childhood education school for children; promote different times so that children could express their tastes and opinions about school; analyze the conceptions of children from the theoretical frameworks studied, considering the varied manifestations of child thought: oral language, graphic, psicocorporal .. The theoretical framework, that guided and dialogued with this study was constituted by the inspired productions in Sociology assumptions of childhood, such as Sarmiento (2008); Corsaro (2011); Oliveira-Formosinho (2008) among them, proposing a reflection on the historical background of the establishment of children's rights, with special attention to the right to speak. This research was conducted from a ethnographic inspiration methodology with a qualitative approach. The survey revealed that listening movement of children's voices favors the understanding of the ideal school in the child's perspective, this school is seen by them as a space for learning and play. Thus this work provides us reflect on the context of Early Childhood Education schools, guided by the value and looks and childish sayings.

Keywords: preschool, child, sensitive listening.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
2	A EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA ADULTOCÊNTRICA	16
2.1	INFÂNCIA E CRIANÇA NO CONTEXTO HISTÓRICO	18
3	A CRIANÇA COMO SER SOCIAL E PRODUTO DE CULTURA	25
4	A EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA DA CRIANÇA: por uma pedagogia da infância	29
5	PERCURSO METODOLÓGICO	35
5.1	ABORDAGEM METODOLÓGICA	35
5.2	CENÁRIO DA PESQUISA	37
5.3	SUJEITOS DA PESQUISA	39
5.4	INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS	41
6	ANÁLISE E SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS	47
6.1	ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL PARA AS CRIANÇAS	48
6.2	O QUE FAZER NUMA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL?	52
6.3	A ESCOLA IDEAL NA PERSPECTIVA DAS CRIANÇAS	57
7	PARA NÃO CONCLUIR... ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	63
	REFERÊNCIAS	66
	APÊNDICES	69

1 INTRODUÇÃO

A escrita exige um exercício disciplinado de organizar e articular o pensamento. Mas, escrever, registrar nossas memórias, não é fácil, refletir! Ah! Esse é mais difícil ainda, dá muito medo, de criar, de sofrer e brigar com as lembranças e entraves pessoais. Contudo, é a través da escrita e do exercício de busca da memória, que consigo fazer análises consistentes, da minha trajetória educacional.

Esta retomada histórica fazendo uso de memórias me leva refletir sobre a Educação Infantil em minha vida. Ao acompanhar o processo de Educação Infantil da minha irmã e as atividades de quem já cursava Magistério, fui me encantando com o trabalho docente e com a possibilidade de adentrar os caminhos da educação, tornou-se evidente o gosto pelo curso de magistério e a demarcação da escolha profissional – educadora.

Neste compasso, retomo ao curso de magistério, onde vivi, sem dúvida uma das experiências mais gratificantes. Durante dois meses a convivência com crianças de três e quatro anos que me mostraram o quanto é rico e encantador o universo infantil, cheio de desejos e questionamentos que muitas vezes minha inexperiência não dava conta de um envolvimento efetivo.

Cinco anos depois, em 2004, adentrei na Universidade para cursar Pedagogia, onde tive a oportunidade de conhecer a teoria que poderia respaldar a minha prática. A educação escolar é um dos campos de atuação de quem faz Licenciatura, deste modo ainda no segundo semestre, enveredei pelos caminhos da docência. A minha primeira atuação profissional se deu em uma escola pública, também na Educação Infantil, esta Unidade Escolar em fatores pedagógicos muito parecia com as que já havia estudado, então via a oportunidade de agir, era hora de fazer acontecer, de dar um retorno (re) significado e melhorado para a educação pública, buscava sempre pesquisar, pois sentia a necessidade de ler e compreender como a criança aprende e se manifesta.

Trago vivas em minha memória, as lembranças do momento inicial do contato com a Educação Infantil, desta vez como docente. Logo no início foi muito difícil, desejos, angústias e inquietações foram muitas, a sala de aula mais do que nunca se tornou um espaço de construção e reconstrução de saberes. Neste sentido é que

busco articular a prática profissional da sala de aula com as experiências adquiridas na trajetória acadêmica.

Face ao movimento histórico de construção e ressignificação que a Educação Infantil vem enfrentando, seja como objeto de estudo e pesquisas diversas ou no âmago da prática pedagógica, se faz necessário compreender alguns de seus entraves.

Na tentativa de compreender alguns desses entraves, comecei a refletir sobre a Educação Infantil em minha vida, desde que iniciei a docência, estou diretamente ligada a esta primeira etapa da Educação Básica. Essa relação se intensificou a partir das experiências desenvolvidas no espaço acadêmico e escolar, e começa a ganhar novos contornos no ano de 2014 quando ingressei no curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, na Universidade do Federal da Bahia -UFBA.

Neste contexto percebi que a criança precisa ser tratada e respeitada como ser produtor de conhecimento e que ensina muito ao propor suas explicações. Evidenciei também que a criança aprende pelo exemplo e que todo espaço precisa estar propício ao aprendizado das crianças, onde elas possam explorar das mais diversas formas o ambiente educativo. Este tipo de vivência, nem sempre pude e tampouco posso hoje, pois a estrutura física dos espaços de Educação Infantil, na maioria das vezes, não foi pensado para esta modalidade de educação.

Atualmente trabalho na coordenação pedagógica, sendo um dos meus espaços de trabalho um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) que atende crianças de um a cinco anos de idade. Como já mencionei a estrutura física esta longe da ideal, porém juntamente com as educadoras, buscamos sempre planejar e desenvolver sequências didáticas que possibilitem a interação, descoberta e prazer em aprender por meio de jogos e brincadeiras, pois com esta prática aproximamos as crianças do universo infantil que lhes é próprio.

Desta forma o desejo em fazer este curso de especialização, surgiu da necessidade de ampliar os estudos, buscar novas respostas para as muitas inquietações que surgem ao longo das experiências vivenciadas. Também busco compreender à luz dos referenciais teóricos contemporâneos os processos de aprendizagens das crianças no âmbito da Educação Infantil.

Com o aprendizado ao longo do curso posso compartilhar com as colegas de trabalho, bem como orientar e planejar cada vez melhor, aliando teoria e prática, no

sentido de promover uma educação pautada nos direitos da criança enquanto ser aprendiz, sujeito histórico de direitos e produtor de cultura.

A educação contemporânea possui uma característica singular: a condição de aprendizagem. Decorrente dessa premissa, as experiências desde o momento da Seleção para cursar a Especialização em Educação Infantil até a conclusão do curso, me fizeram trilhar por diferentes caminhos, assumindo uma postura que adota a busca de uma formação crítica e emancipatória. Logo no seminário de abertura, a partir da exposição teórica do palestrante, despertei meu olhar para um novo campo de estudo sobre o valor da escuta sensível das crianças, discutir e ressignificar o cotidiano da Educação Infantil a partir destas vozes muitas vezes silentes.

Em tempos de aligeiramentos das formações de professores que são frutos de uma política educacional verticalizada e centralizadora, busco aqui nessa experiência com a especialização problematizar questões relevantes que contribuíram para o (re) pensar da nossa prática cotidiana associado à nossa intrínseca condição de sujeitos históricos e eternos aprendizes.

De posse de leituras e fundamentações para respaldar o trabalho, e a partir das experiências destes doze anos de educação, tenho buscado nortear minha prática enquanto educadora, na busca constante de embasamento em teorias sobre os sujeitos alvos da modalidade de ensino ao qual trabalho.

O curso nos demandou vivenciarmos esse universo de pesquisa e para tanto, tivemos momentos intensos de estudos extensivos em etnopesquisa crítica e multireferencial, com o professor Roberto Sidnei Macedo. Nessa etapa do curso, a discussão e trabalho ficou centrada nas novas possibilidades de fazer pesquisa, em especial na Educação Infantil.

Todas estas discussões serviram para ressaltar os estudos desde o curso de Pedagogia, sobre a importância do estudo da modalidade educacional, a partir da perspectiva dos sujeitos que dela fazem parte. Neste sentido, o desenvolvimento da presente pesquisa acadêmica toma como base as concepções das crianças sobre a Escola de Educação Infantil.

Desta forma, busco estabelecer espaços e momentos desde a rotina, nas rodas de conversa, como também durante as atividades pedagógicas, que oportunize as crianças a falarem, expressarem seus gostos, vivências e experiências na escola e no seio familiar.

É por assim acreditar que esta pesquisa se inscreve na história educacional como forma de tencionamento aos saberes e dizeres edificadas a respeito da criança na escola de Educação Infantil. Buscando (re) significar dentro das lacunas literárias dos trabalhos antes realizados, que atentam-se apenas para a visão da escola em relação ao mundo da criança, diferentemente o presente trabalho parte do mundo da criança dentro da escola.

A opção e inscrição da pesquisa nesta área nascem da necessidade de refletir sobre a Educação Infantil vivenciada e num amplo movimento de investigação-formação, trilhei por um caminho diferenciado do ponto de vista da pesquisa, ao passo que busquei um olhar e uma voz em muitos casos esquecidos dentro da escola – da criança.

A intenção deste trabalho de pesquisa consiste em analisar a escola de Educação Infantil, considerando o que a literatura já traz sobre as crianças como sujeitos históricos produtoras de cultura e conhecimento, é neste sentido que busco compreender o que significa a Escola Educação Infantil para as crianças, tentando entender as representações e considerações que as crianças têm sobre sua própria escola, suas educadoras e a Educação Infantil.

Desta forma, no presente trabalho abordará a epistemologia da infância, a partir do que pensam as crianças de um grupo com três e quatro anos de idade a respeito da Escola de Educação Infantil.

Por se tratar de uma pesquisa científica centrada na docência da Educação Infantil, o sentido e a pertinência do trabalho sobre as concepções das crianças e de seu enquadramento enquanto objeto de pesquisa, justifica-se porque não busco concepções pré-formuladas, mas os conceitos inerentes à relação dialética estabelecida entre os próprios sujeitos – as crianças – a partir das experiências narradas no itinerário educacional dos atores da pesquisa.

Este estudo se inscreve na minha história pessoal e profissional, abordando marcas do eu, enquanto estudante e do eu enquanto docente. Enquanto do-(dis)cente, penso que a Educação Infantil perpassa pela dimensão formadora e mediadora do conhecimento na vida das crianças enquanto atores sociais.

É neste sentido que busquei trazer as falas, pensamentos e concepções dos sujeitos que dela fazem parte e que a experimentam. Pois pesquisas recentes já sinalizam para a necessidade desta escuta, para não falarmos apenas sob a ótica de pensadores, teóricos e profissionais da Educação. Entendendo que a prática de

pesquisa precisa contribuir para a transformação da realidade, ou pelo menos, descobrir e propor sugestões pertinentes e cabíveis, é que este estudo está estruturado sob os caminhos pouco trilhados, as vozes pouco escutadas e os desejos pouco atendidos – as crianças.

Em síntese, a necessidade de escutar a voz das crianças ou de construir e (re) construir hipóteses acerca do que pensam sobre a Escola de Educação Infantil demarca novas tentativas de dar sentido às experiências e aos contextos da Educação Infantil.

Porém, com esse novo contato com autores que discutem especificamente sobre a Educação Infantil a partir do conceito de criança e infância em diferentes contextos sócio históricos, bem como sobre o brincar no cotidiano das crianças, me deparei com algumas questões intrigantes da minha prática.

Posto que a leitura é sempre produção de significados, considero que Sramento (2008) e Corsaro (2011) fazem análises bastante pertinentes quanto à criança enquanto sujeito histórico. O contato com essas referências, ao longo do Curso de Especialização, contribuiu para aguçar e reforçar o desejo de estudar a temática da escola de Educação Infantil na perspectiva das crianças e dar os contornos finais do problema da pesquisa.

Algo que tem me provocado tamanha curiosidade e questionamento, é que mesmo a presença das crianças, em grande número nas Creches e Centros Municipais de Educação Infantil, a maior parte destes estudos toma como objeto de pesquisa e apresenta seus argumentos sobre apenas a partir do olhar dos professores, estudiosos e teóricos, ainda são poucas as pesquisas que utilizam-se para tecer seus fios a visão das crianças, como ela é vista e construída socialmente por eles.

Não é o intuito desta pesquisa julgar a validade e pertinência desses trabalhos, pelo contrário, pois é inegável a relevância desses estudos para o debate e reflexão acerca das diversas problemáticas evidenciadas no campo da Educação Infantil. A presente discussão direciona-se para gestores e professores na medida em que os ajudará a refletir sobre suas práticas, pautada na análise das concepções levantadas pelas crianças enquanto sujeitos integrantes dos processos educativos.

Na busca por respostas às inquietações levantadas, o objetivo geral, foi compreender o que as crianças pensam sobre sua própria escola. Para tanto, surgiu a necessidade de outros objetivos, dando os primeiros passos busquei: identificar

qual o significado da escola de Educação Infantil para as crianças; promover momentos distintos para que as crianças possam expressar seus gostos e opiniões sobre a escola. Analisar as concepções das crianças a partir dos referenciais teóricos estudados.

Em função do problema e objetivos, a reflexão aqui apresentada, tanto no seu conteúdo, quanto na sua forma de abordagem, destina-se a todos aqueles que estão envolvidos de forma direta ou indireta no dia a dia da Educação Infantil – prioritariamente, mas não exclusivamente os educadores – e que não têm a oportunidade amiúde de relacionar o pensar teórico e a polifonia predominante no contexto das próprias práticas.

Como todo trabalho de pesquisa requer fundamentos que o direcionem, busquei guiar-me a partir das ideias Corsaro (2011) e Sarmiento (2008) ao discutirmos sobre a Sociologia da Infância. O estudo também se embasa em Cruz (2008) ao discutir sobre a necessidade pesquisar com as crianças e não sobre as crianças, apontando novas formas de pesquisas com crianças. Ainda sobre o arcabouço teórico, Oliveira-Formosinho (2008) traz à tona a discussão sobre a escola na perspectiva da criança.

Comportamentos, representações e vozes, são os substratos que utilizei para extrair considerações durante a pesquisa. Sendo assim, este estudo tem um caráter qualitativo, pois lida com as subjetividades dos sujeitos envolvidos. Foi realizado um estudo teórico-empírico com o objetivo de garantir as concepções levantadas.

No tecer dos fios, as técnicas de pesquisa, na construção das informações foram: observação, registro em diário de campo, registros audiovisuais. Dada a complexidade da pesquisa com crianças pequenas, os dados também foram produzidos em rodas de conversas, além de algumas atividades que foram propostas, tais como representação por meio de desenhos e história para completar.

Esta pesquisa foi desenvolvida em um Centro Municipal de Educação Infantil, situada no município de Serrinha - Bahia, tendo como sujeitos 14 crianças com idade entre três e quatro anos.

A estruturação deste trabalho apresenta-se em seis capítulos, sendo que, no primeiro apresento um breve resumo de como se constituiu a minha trajetória educacional, trazendo as marcas da docência, desde a escolha da profissão perpassando pelo levantamento da problematização e inquietações que impulsionaram o desenvolvimento deste estudo.

No segundo, busco fazer uma abordagem histórica da Educação Infantil na perspectiva adultocêntrica. No terceiro, trago a discussão guiada a partir dos princípios da Sociologia da Infância, tomando a criança como sujeito histórico, um ser social e produtora de cultura. Já no quarto, a discussão se dá sobre a pertinência da escuta da criança bem como a importância dessa prática para a ciência e para a prática pedagógica, apontando para a necessidade de uma educação pautada na perspectiva da criança.

O quinto refere-se aos aspectos metodológicos, aborda os desdobramentos de fazer pesquisa em Educação Infantil sob o pressuposto qualitativo, com inspiração etnográfica. Narra todo o processo realizado durante a pesquisa, enfatizando o caminho percorrido, desde a organização e elaboração instrumentos para a produção dos dados, perpassando pelo contexto em que foi desenvolvido.

E finalizando, no sexto capítulo apresento a análise das informações capturadas e produzidas, articulando os objetivos pretendidos na pesquisa, com os principais teóricos que balizam e dialogam com o presente estudo, ao passo que apresento algumas considerações sobre o percurso constituído, bem como possíveis encaminhamentos na pesquisa no âmbito da Educação Infantil.

2. A EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA ADULTOCÊNTRICA

A ausência do sentimento de infância na antiguidade é marcada pelos índices de mortalidade das crianças e a forma de viver indiferente dos adultos revelada na forma de vestir, nos brinquedos, na linguagem e em outras situações do cotidiano retratando uma criança que não tinha nenhuma singularidade e não distinguia do mundo dos adultos, portanto, considerada um adulto em miniatura, vista de forma indiferente, sem considerar necessidades diferentes das do adulto.

A transmissão de conhecimentos e a aprendizagem de valores e costumes eram garantidas pela participação da criança no trabalho, nos jogos e em outros momentos do cotidiano da vida dos adultos. Com as influências do pensamento dos moralistas e da Igreja, nesse período, as crianças consideradas como criaturas de Deus, dotadas de pureza, inocência e bondade, precisariam ser vigiadas e corrigidas. (ANDRADE, 2010, p.49)

Concomitante com esse pensamento Ariès (1986) relata que a criação do termo infância foi uma invenção da modernidade, e que a infância que conhecemos hoje foi uma criação de um tempo histórico e de condições socioculturais determinadas, sendo um erro querer analisar todas as infâncias e todas as crianças com o mesmo referencial.

Considerando que a ideia de infância ainda na idade média era determinada pelo período que vai do nascimento dos dentes até os sete anos idade. Nesse momento, as crianças já desempenhavam e participavam das mais variadas atividades do mundo adulto.

Conforme Charlot (2013) a partir das reformas religiosas, a ideia de criança e infância começa a ganhar novos contornos. O trabalho passa a ser substituído pela escola, que passa a ver a criança como um ser essencialmente corrompido que precisava aprender como se comportar e agir no mundo. Assim a escola tinha como dever transmitir-lhe os valores e normas da sociedade, cabendo à criança a tarefa de assimilá-los. Já no ambiente familiar começa-se a desenvolver um novo sentimento em relação a infância e a criança passa a ser o centro das atenções e a família vai lhe conferindo maior importância.

Visto que historicamente a criança não era considerada como um ser social em desenvolvimento, nem pensada em termos das relações sociais que estabelece. Do mesmo modo a delimitação da infância, tem se dado de forma predominante por um recorte etário acentuado por oposição ao adulto, pela ausência da idade, pela imaturidade ou pela integração social imprópria.

Bernard Charlot (2013) defende ainda a ideia de que a infância está carregada de significações ideológicas. E estas significações adquirem maior especificidade ao se ligarem às ideias de tempo e de origem e à ambiguidade da ideia de natureza. Para ele o adulto elabora uma imagem da criança como um ser contraditório, fraco, inacabado, imperfeito e desprovido de tudo e atribui estas características à própria "natureza infantil". Mas esta ideia de natureza está apenas dissimulando as relações da criança com o adulto e com a realidade social.

Vale salientar, que essa compreensão é fruto histórico da visão da infância a partir da Pedagogia, com fortes influências na Filosofia e Psicologia que imprimiram um conceito negativo à infância, considerando-a como um período que logo deveria ser ultrapassado. Desta forma à escola caberia a função de permitir à criança superar esta condição.

Por vezes o sentimento de infância satisfaz a dois estilos conflitantes, segundo Kramer (2003): um considera a criança ingênua, inocente e graciosa e é revelada pela paparicação dos adultos, e a outra surge concomitantemente à primeira, mas se replica à ela, sendo a criança um ser imperfeito e incompleto, que necessita da "moralização" e da educação feita pelo adulto.

Historicamente a criança assumiu uma condição inferior comparada ao adulto, a ela foi negada a condição de falar sobre si mesma, suas expectativas e formas de ver e interpretar o mundo. Decorrente disso, os conhecimentos produzidos e sistematizados ao longo dos tempos sobre a criança, partem do ponto de vista que não é o dela, nas palavras de Sarmiento:

Esse processo decorre das concepções historicamente construídas sobre as crianças e dos modos como elas foram inscritas em imagens sociais que tanto esclarecem sobre os seus produtores (o conjunto de sistemas estruturados de crenças, teorias e idéias em diversas épocas históricas) quanto ocultam a realidade dos mundos sociais e culturais das crianças, na complexidade da sua existência social. (SARMENTO, 2007, p.26)

Podemos observar que o descaso com a infância e a perspectiva das crianças é histórico, e perdurou em diferentes contextos sociais, essa invisibilidade, no entanto, denota a falta de interesse em discutir sobre suas reais necessidades.

De tal forma, percebe-se as transformações que ocorreram ao longo dos séculos, no que diz respeito ao tratamento direcionado às crianças e ao modo de conceber o seu universo, influenciado pelas noções e pensamentos de cada época, causaram mudanças no atendimento a crianças e na especificidade da Educação Infantil.

No Brasil, podemos dizer que a história do atendimento a infância é relativamente recente. Ademais, destacamos que as primeiras instituições direcionadas para esse atendimento foram intensamente marcadas por ações de cunho assistencialista e protetivo aos mais pobres.

Nesse cenário, é aceitável afirmar que os programas e projetos para o atendimento infantil expandiram-se por meio dos modelos ditos alternativos e de baixos custos destinados aos necessitados. Logo, torna-se evidente que o direito ao atendimento em creches, conquistado, sobretudo, pela reivindicação de mulheres, não era visto como um direito da criança e menos ainda como um dever do Estado, e a sua existência estava à mercê de entidades filantrópicas ou entidades privadas, das quais poderiam usufruir somente as crianças cujas famílias pudessem pagar por esse serviço.

2.1 INFÂNCIA E CRIANÇA NO CONTEXTO HISTÓRICO

Numa retomada histórica, pudemos refletir sobre os caminhos da Educação Infantil no Brasil, bem como o papel dos movimentos sociais na inserção da educação formal da criança de zero a seis anos de idade, como parte das preocupações na elaboração das Políticas Educacionais Brasileiras. O caminho para se chegar a essa conquista nos revela uma história de lutas e reivindicações, por parte dos movimentos sociais organizados que abraçaram esta causa.

Tais reivindicações culminaram em leis, conforme Kuhlmann Jr (1998), os movimentos populares e feministas alavancou a expansão das creches. Com a entrada significativa das mulheres no mercado de trabalho, garantiu às instituições

de educação infantil a configuração como espaços educativos das crianças pequenas de todas as classes sociais no Brasil.

Kramer (2003) ressalta que no Brasil, nos anos 70 essas lutas em torno das políticas educacionais à crianças de zero a seis anos, defendiam a educação assistencialista de caráter compensatório, priorizando as crianças provenientes das camadas populares. Sendo que o próprio debate crítico em torno destas questões motivou a busca de alternativas para as crianças brasileiras, mesmo com dúbios interesses das propostas compensatórias, elas tiveram um papel relevante ao alavancar o debate sobre funções e currículos da Educação infantil, a começar pela pré-escola.

Segundo Kramer (2003) nesse contexto de políticas públicas e garantia de direitos das crianças de zero a seis anos, merece destaque os fóruns estaduais de educação, que participam de forma enfática, articulando e encaminhando alternativas para a melhoria da educação infantil. A educação infantil no contexto político nacional, a garantia do cumprimento da legislação, bem como as discussões em torno da atuação do Ministério da Educação e Cultura (MEC) são fruto de lutas coletivas de intelectuais, militantes e movimentos sociais.

Esse contexto de lutas e reivindicações mostrou-se suficientemente forte para estabelecer o direito das crianças à Educação Infantil na Constituição Federal de 1988 (CF/88), e, a partir de então, iniciou-se um ciclo, que permanece até os dias atuais, de discussões, estudos e debates em busca de um modelo de Educação Infantil que não tome como princípio dar assistência e ensinamentos morais às crianças pobres, mas apresentar a todas as crianças uma educação transformadora, como se aborda na subseção a seguir.

De tal forma, os autores supracitados asseguram que foi principalmente pela atuação de grupos ligados à universidade e dos profissionais da educação que se formularam os princípios que seriam acolhidos pela nova CF/88 e que foram em grande parte mantidos na Lei de Diretrizes e Bases 9394 de 1996 (LDB 9394/96).

Nesta perspectiva, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) sistematizadas pela Resolução nº 05 de 17 de dezembro de 2009, surge como um marco legal para assegurar direitos já antes reivindicados à criança.

A partir do debate sobre a educação de crianças de zero a seis anos também compreendemos que ainda urge necessidade de formular políticas de formação dos profissionais atuantes nesta modalidade e de estabelecer alternativas curriculares.

Desta forma, percebe-se que mudanças e transformações na Educação Infantil foram influenciadas por fatores econômicos, políticos, sociais e culturais do país, especialmente das lutas dos movimentos sociais.

Nessa breve análise, percebe-se a necessidade de conhecermos a história da criança e da infância bem como uma análise da Educação Infantil em vários contextos históricos, porque dela também fazemos parte.

Desde as primeiras constatações no espaço escolar, enquanto professora, direciono os meus sentidos para as atitudes das crianças, como procedem na escola, o que pensam e esperam da mesma. Reconheço, não ser fácil capturar e analisar as concepções das crianças sobre a escola, mas é no sentido de otimizar estas vozes e desvelar o descrédito marcante com os fenômenos concernentes à Educação Infantil que surge a problemática aqui discutida.

Ao analisarmos a história e os referenciais teóricos aqui adotados, podemos inferir que a criança sempre foi submetida a um processo de educação do ponto de vista adultocêntrico. Numa breve análise sobre a história da criança é perceptível que nem sempre a criança foi lhes dado o direito da infância. Nos diversos tempos e realidades em que a infância se apresenta e é representada. Sarmiento (2008) ressalta que a criança tem sido negada da visibilidade social e acesso a direitos historicamente concedidos ao mundo dos adultos. A partir das leituras e discussões tecidas em sala de aula e em sala de docência, vimos que historicamente a criança não era vista como um ser social em desenvolvimento, nem pensada em termos das relações sociais que estabelece.

A partir dessas reflexões, é necessário registrar que criança brasileira tem passado cada vez mais, parte de seu tempo em creches e escolas de educação infantil. A literatura estudada aponta que esse movimento é fruto de muitas lutas de movimentos sociais organizados, bem como do reconhecimento que a garantia de uma educação de qualidade às crianças de zero a seis anos auxilia no desenvolvimento infantil.

Mediante essas mudanças, ressaltamos aqui a concepção de criança com seu caráter social e histórico, marcado por mudanças constantes, na concepção de família, infância e criança, sendo assim:

É preciso considerar a infância como uma condição da criança. O conjunto das experiências vividas por elas em diferentes lugares

históricos, geográficos e sociais é muito mais do que uma representação dos adultos sobre esta fase da vida. É preciso conhecer as representações de infância e considerar as crianças concretas, localizá-las nas relações sociais, etc, reconhecê-las como produtoras de história. (KUHLMANN JR. 1998, p. 31)

Entretanto, mesmo que à criança seja assegurado o direito à educação, boa parte das diretrizes e encaminhamentos para as creches e instituições de Educação Infantil são a partir dos pensamentos e concepções dos adultos, sem que haja o envolvimento da criança. Com isso se observa uma Educação Infantil com abordagem do ponto de vista adultocêntrica, o que é fortemente criticado por Sarmiento (2008) quando ressalta que:

As condições de vida das crianças necessitam, igualmente, de ser estudadas considerando a especificidade da infância perante as esferas sociais da produção e da cidadania, isto é, a divisão social do trabalho, a repartição da riqueza, as práticas de consumo, por um lado e a organização política, os direitos de participação eleitoral e as estruturas de poder e autoridade na comunidade, em geral, por outro. (SARMENTO, 2008 p. 22)

Referendando-nos em Sarmiento (2008), a criança atualmente é aquela que tem um papel ativo na construção das relações sociais em que se engaja, sendo, portanto passiva na incorporação de papéis e comportamento social. São ao mesmo tempo produto e atores dos processos sociais, sujeitos pensantes e produtores de conhecimentos através das interações com o meio e com o objeto.

No cenário brasileiro, no âmbito do poder público, os ensaios dessa abordagem que permite um diálogo constante com as crianças se evidenciam quando, torna-se público o documento “Indicadores da Qualidade na Educação Infantil” (BRASIL, 2009) com a caracterização de um instrumento de autoavaliação da qualidade das instituições de Educação Infantil, que, por meio de um processo de participação aberta a toda a comunidade, visava construir uma educação com premissas mais democráticas.

É oportuno destacar a publicação do MEC “Deixa eu falar” (BRASIL, 2011) que, trouxe como objetivo principal instigar e favorecer o diálogo com as crianças nas instituições de Educação Infantil, na busca por incentivar práticas educativas comprometidas com os direitos da criança, contou com a participação de crianças de três a seis anos de idade, inseridas numa instituição de Educação Infantil do país,

estimuladas a falar sobre os mais diversos assuntos que transitam por suas vivências diárias nesse contexto ou nelas habitam.

Nesse compasso, a DCNEI traz a concepção de criança como sujeito de direitos e ator social, o documento, com caráter mandatário, foi elaborado com a participação de segmentos responsáveis pela educação de crianças de zero a seis anos para regulamentar os dispositivos legais presentes na LDB 9394/96 voltados às práticas de educação e cuidados que integram essa etapa educacional.

Nessa mesma direção, vale destacar o Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil (CEDEI) que é oferecido em instituições públicas de ensino superior, visando a preparar os profissionais já habilitados à docência, para as especificidades da educação de crianças pequenas a partir de estratégias de troca de experiências e construções coletivas.

A abordagem teórica e reflexão, ao longo do curso de Especialização sobre o conceito de infância a partir de diferentes abordagens, desde a Psicologia do desenvolvimento perpassando pela Filosofia, fomos apresentados a uma sociologia da infância, onde a criança deixaria de ser passivos dos adultos e assumem o papel de atores sociais e participantes ativos na construção de sua vida.

Com isso percebe-se que compreender a infância e a criança, demanda uma gama de saberes e fazeres, de um campo interdisciplinar, de modo a confluir olhares teóricos distintos sobre a criança, para então compreender a complexidade do ser criança.

No cerne desse processo, acreditamos em uma infância plena que se direcione para o desenvolvimento intelectual, da personalidade, das relações sociais, de todas as crianças, sem distinção. Vinculado a essa configuração, no atual contexto, existe uma travessia positiva no sentido de romper fronteiras disciplinares, no campo da pesquisa com crianças. Estes buscam caminhos mais abrangente e coerente para se compreender a categoria infância.

Os estudos desses autores vêm ao encontro de nossos anseios no sentido de mostrar a importância de tomar a infância como uma categoria social e uma construção histórica de um grupo social ativo, Sarmento (2008) defende que é preciso considerar as crianças como atores sociais, sujeitos históricos de direitos e produtoras de cultura de modo que coaduna com o que defende Kuhlmann Jr. (2007):

Pensar a criança na história significa considerá-la como sujeito histórico, e isso requer compreender o que se entende por sujeito histórico. Para tanto, é importante perceber que as crianças concretas, na sua materialidade, no seu nascer, no seu viver ou no morrer, expressam a inevitabilidade da história e nela se fazem presentes, nos seus mais diferentes momentos. A compreensão da criança como sujeito histórico exige entender o processo histórico como muito mais complexo do que uma equação do primeiro grau, em que duas variáveis de estrutura explicariam tudo o mais. (KUHLMANN JR. 1998, p. 31)

Para o referido autor, as crianças são seres ativos participantes de um contexto social. Do mesmo modo, Sarmiento (2008) ressalta a necessidade de se levar a sério a voz das crianças, a partir do reconhecimento como sujeitos com cidadania epistemológica, rompendo assim, com a noção de poder unilateral adulto-criança, para então realizar pesquisas tomando as crianças como sujeitos e não apenas como objeto de estudo, sendo predominante a perspectiva infantil.

É preciso salientar que com os avanços sociais, assim como as mudanças de concepção com relação ao papel da criança na sociedade, surgiram diversas políticas voltadas para o atendimento à crianças de até cinco anos de idade, sendo cada uma dessas ações representantes de um contexto histórico específico marcado por discussões entre Estado e Sociedade, em especial dada à valorização da mulher e sua inserção no mercado de trabalho, trazendo com isso, a necessidade de um espaço no qual a criança fosse cuidada e educada.

Visto que o longo dos estudos no campo da sociologia, mais precisamente da sociologia da infância, o conceito de infância se configura como produto de uma construção social, sendo entendida como categoria social de essencial relevância, urge que seja repensado o papel das crianças nas instituições de educação infantil de tal modo que:

A infância deve ser estudada em si própria (ou a partir do seu próprio campo), independentemente da delimitação dos objetos teóricos construídos pela ciência “adulta”, isto é, tomando como ponto de partida aquilo que é distintivo no grupo geracional da infância face a outros grupos geracionais (por exemplo, a configuração histórica das ideias e imagens sociais da infância – formas relativamente estabilizadas que em cada época constituem pontos de configuração da interpretação social sobre o que é uma criança, o que lhe é devido fazer e o que lhe é interdito, e o sentido das suas relações com os adultos; estatuto social; relação face ao poder de Estado, etc.) e

assumindo a autonomia analítica da ação social das crianças (e não dos adultos sobre as crianças) (SARMENTO, 2008 p. 19)

Para o autor, essa premissa também precisa ser defendida nas pesquisas, por meio de valorização social da infância e da criança, reescrevendo uma nova história no bojo das lutas e conquistas por direitos sociais, assumindo o papel de protagonista, de modo que as escolas para crianças pequenas não sejam meros espaços de imitação do mundo dos adultos.

Nesse sentido, faz-se necessário este conhecimento do respeito as particularidades das crianças, pautando, que vai desde o desenvolvimento intelectual, intelectual, físico, emocional, como uma forma de evitar praticas equivocadas no que tange a infância e as crianças.

Considera-se, pois que as crianças são tão valiosas quanto vulneráveis. Pois são sujeitos de direitos, atores sociais com ações relevantes, considerados numa interconexão entre as dimensões de provisão e proteção, e um sujeito que exprime simbolicamente através das culturas da infância.

Assim, considerando o atual contexto e os novos desdobramentos sobre a infância e a criança, no cotidiano da Educação Infantil, a educação pensada para este público, assume hoje um lugar de socialização, de coexistência, trocas, interações e afetos, de acréscimo e inserção sociocultural, de construção de identidades e de subjetividades.

Para tanto, ressaltamos a necessidade do entendimento da infância não como um período cronológico, pois a experiência não é finita, mas como uma experiência que pode ser vivida e experimentada partilhando situações, experiências, culturas, rotinas, cerimônias institucionais, regras de convivência um experiência onde as crianças estão sujeitas a tempos e espaços coletivos.

Antes de discutirmos sobre a educação na perspectiva da criança, dos modos como estas vêem e representam o mundo que o cerca, para compreendermos todos estes desdobramentos, faz-se necessário, apresentar a abordagem que entende a criança como ser histórico e produtor de cultura, tarefa sobre a qual estará centrada a discussão a seguir

3. A CRIANÇA COMO SER SOCIAL E PRODUTORA DE CULTURA

A literatura por ora visitada nos mostra que a partir da década de 1980, começa a ganhar novos contornos no cenário brasileiro uma concepção distinta de Educação Infantil, alicerçada nos debates nos fóruns, nos movimentos sociais e nas reivindicações acadêmicas, apontando para um atendimento que priorizasse, para além do cuidado e da higienização das crianças, um caráter educacional - um lugar para Educar e Cuidar.

Ao longo da história da Educação Infantil brasileira, a criança tem se tornado objeto de estudo em diversas pesquisas no âmbito acadêmico, conforme ressalta Cruz (2008), porém a maioria é singular e são a respeito da criança e não sobre a sua participação como produtora dos dados das pesquisas.

As concepções contemporâneas de infância, criança e educação contrárias à tradição da psicologia desenvolvimentista, que atribuía à infância uma visão biológica da infância enquanto etapa, surge a partir de contribuições teórico-metodológicas advindas da Sociologia da Infância, Pedagogia da Infância, Psicologia, Antropologia da Criança e Filosofia.

Por sua vez, referenciando a criança como ser concreto e contextualizado Sarmiento (2008), aponta enquanto opção teórica estudos de orientação histórico-cultural, o que sugere entender a infância como construção social e as crianças sujeitos sociais e produtores de culturas.

Para Cruz (2008) a criança precisa ser tomada como parte da investigação científica oportunizando direito a fala e escuta; à criança que por muito tempo foi silenciada no campo da pesquisas científica, ou por vezes esteve presente, porém não como sujeitos e sim como meros objetos a serem investigados sem levar em conta suas especificidades e potencialidades de atores da pesquisa.

Ressaltamos que ainda é muito novo e preliminar ouvir a criança. Coaduna com este princípio, uma visão da educação e práticas de pesquisa que tragam no centro de sua atividade, compreender o ponto de vista da criança acerca das creches e da atividades que são desenvolvidas nestes espaços uma vez que:

As perspectivas infantis trazem à luz não somente as peculiaridades da idade, nas experiências vividas em contextos históricos

específicos, as características de inserção social de seu grupo familiar, questões de gênero, pertença étnica e cultural. (CRUZ, 2008, p.)

Alicerçados nas ideias de Cruz (2008) e Oliveira-Formosinho (2008) ressaltamos que escutar criança é uma prática essencial para sua inserção e participação social, e o mais importante é não limitar esta escuta à comunicação verbal, mas de diferentes formas de expressão que possibilitem conhecer as crianças e compreender o que elas dizem.

Para tanto, acreditamos que é de suma relevância, focar de forma significativa na criança, as diferentes formas de pensar e agir pedagogicamente, concretizar as formas de ação, relações sociais, concepções e significados articulados a um contíguo de posições filosóficas, ideológicas, políticas, culturais e pedagógicas desenvolvidas no âmbito dos contextos educativos

A fim de reafirmar e validar alguns pressupostos defendidos neste estudo, numa breve análise da abordagem histórico cultural, Vigotsky (1995) *apud* Melo (2010) aponta a necessidade de uma nova perspectiva na pesquisa com as crianças:

Se tivéssemos que determinar de maneira geral quais exigências básicas se colocam ao problema do desenvolvimento das investigações modernas, a resposta seria que o fundamental é o estudo das peculiaridades positivas do comportamento infantil (VYGOTSKY1995, *apud* MELLO 2010, p.186)

Para tanto, entendemos que é preciso superar o conceito de criança que tem norteado o fazer pedagógico e de principio de pesquisa. Essa superação perpassa pela compreensão do desenvolvimento humano enquanto processo que decorre de processos de aprendizagens e experiências distintas.

Nesse sentido a criança passa a ser compreendida como ser capaz desde muito pequena, essa concepção é reafirmada por Vygostki (1995) *apud* Mello (2010) como um processo dialético que envolve três elementos básicos e indissociáveis. Esses elementos se caracterizam pela cultura disponibilizada para a criança, a concepção e compreensão dos adultos no processo de mediação na relação das crianças com essa cultura, além do papel da própria criança, num conjunto de ação e reação.

Tomamos como referência a concepção do desenvolvimento infantil onde a criança é vista como ser social capaz de interagir estabelecendo relações com o outro e com o meio, para ratificar que essas interações serão consideradas como meio de alavancar a formação e desenvolvimento das características humanas na infância.

Nessa nova concepção de criança, a aprendizagem é vista como oriunda das experiências que às crianças forem permitidas vivenciarem. Ao se inteirar do mundo, á medida que aprende a criança confere sentidos sociais ao que aprende e se apropria.

Outro autor que fundamenta a abordagem por hora adotada é Corsaro (2011) ao enfatizar que a socialização na infância é compreendida como “um processo criativo de reprodução interpretativa” lançando mão de enxergar as crianças como “meros fardos sociais”. Merece destaque sua atenção especial para a “cultura de pares”, como “um conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos, valores e interesses que as crianças produzem e compartilham na interação com seus pares” (Corsaro 2011 p. 32).

Sendo assim, a participação das crianças na sociedade correlaciona-se com um universo que vai além da reprodução ou simples imitação do universo adulto, mas como ocupação social de seres capazes de criar, se apropriar e transformar elementos da cultura da qual faz parte, esbanjando potencial inovador e criativo, nas palavras do autor “querem criar e compartilhar emocionalmente o poder e controle que os adultos têm sobre elas” (Corsaro, 2011p. 39).

Para Corsaro (2011) não se trata de uma mera imitação pois, ao observar e reproduzir determinadas situações tidas como do universo adulto a criança lhe atribui uma carga de sentidos, á medida que interpreta e dá uma nova significância à atividade que reproduz.

Essa reflexão nos leva a inferir com base nos referidos autores que as crianças precisam estar em contato frequente com seus pares e acima de tudo, que este contato seja em espaços que contemplam os tempos e espaços da Educação Infantil, além de ser mediado por educadores que compreendam a criança como um ser social de modo que a educação não seja vista apenas como ensaio para um futuro cidadão.

Tais estudos partem do princípio de que a criança, como sujeito central a quem se destina o direito a essa etapa educacional, pode fornecer subsídios

relevantes para possíveis direções que propiciem um ambiente agradável, em que sejam cuidadas e educadas e se lhes respeitem mais os seus anseios e particularidades.

Deste modo, a discussão teórica, nos leva à necessidade de uma pedagogia da infância, que se desdobre na prática a partir da perspectiva infantil, abordagem ao qual nos dedicaremos nos próximos passos deste estudo.

4. POR UMA PEDAGOGIA DA INFÂNCIA: a educação na perspectiva da criança

A partir das idéias de Oliveira Formosinho (2008) bem como da relação estabelecida com o referencial teórico da Sociologia da Infância, optou-se por adotar caminhos para tecer a pesquisa no sentido de buscar um conhecimento mais abrangente sobre as percepções das crianças do CMEI acerca de suas experiências no âmbito do contexto educativo.

Para tanto, o viés adotado deixa de ser o discurso do adulto e perpassa pela apreensão do ponto de vista das crianças, entendidos aqui como interlocutores de si mesmo, ratificados nas produções científicas que se destinaram a ouvi-las.

Considerando a abordagem feita por Oliveira-Formosinho (2008) ao propor que busquemos compreender o que pensam as crianças sobre os espaços educativos e atividades pedagógicas, é precioso que haja uma mudança cultural e pedagógica da imagem da criança que como ser incapaz de pensar sobre determinados temas e aspectos pedagógicos.

Nessa linha de pensamento, ratifica-se a necessidade de novas formas de dialogar e interpretar os dizeres das crianças de modo a garantir o respeito pelas crianças e suas ideias. Portanto, pensar a prática ancorada em uma abordagem que respeite a criança no seu tempo e espaço, uma pedagogia da infância.

Outro aspecto revelado por Cruz (2008) se refere à necessidade de desenvolver-se uma abordagem pedagógica sensível às crianças, aos seus sentimentos e ao pensamento acerca de questões que interferem no seu cotidiano, pois estas são capazes de apreender, descrever, avaliar e interpretar com precisão suas vivências, seus papéis e dos adultos em contextos diferentes.

Com base em Oliveira-Formosinho e Cruz (2008) queremos buscar caminhos que nos levem a perceber os aspectos subjacentes à relação da escola com as crianças, do ponto de vista desta última, entendendo-as enquanto ser com competência moral, social, emocional e racional.

No que tange aos pensamentos e concepções infantis, Oliveira (2008) reforça a ideia de que a criança pequena é capaz de perceber aspectos da sua realidade cultural e educacional, e demais aspectos que têm impactos significativos em suas vidas, bem como são capazes de identificar as situações problemáticas do

ambiente educativo e reivindicar melhorias não só individuais, mas de interesse coletivo, portanto:

No âmbito de uma pedagogia da participação preconiza-se a construção de um cotidiano educativo que concebe a criança como uma pessoa com agência, que lê o mundo e o interpreta, que constrói saberes e cultura que participa como pessoa e como cidadão na vida da família, da escola e da sociedade. (OLIVEIRA-FORMOSINHO 2008, p. 33)

Tomamos como referência o autor supracitado para afirmar que a criança percebe e avalia as situações classificando-as em adequadas e inadequadas e são autônomas mesmo quando as condições para tanto não lhes são dadas. Sendo, portanto, a escuta das crianças importantes fontes de acolhimento das perspectivas infantis e subsídios que possibilitam transformações nas creches e pré-escolas respeitando mais seus desejos e necessidades.

Ainda com base em Oliveira-Formosinho (2007) numa breve análise da Educação Infantil e os caminhos apontam para a necessidade de uma pedagogia da infância, que contemple essa nova visão da criança como ser competente e com garantia à participação ativa nos processos educativos, uma pedagogia que respeite a criança na sua prática cotidiana, assim:

Uma pedagogia transformativa que concede à criança com direitos, compreende sua competência e acima de tudo que escuta a voz para transformar a ação pedagógica em uma ação compartilhada. (OLIVEIRA-FORMOSINHO 2007, p. 14)

Desse modo é apresentado o prenúncio de uma pedagogia do respeito à criança, criando e recriando condições para que a criança esteja no centro dos processos de investigação e descoberta, desenvolvimento e aprendizagem. Sendo que para a autora:

Os processos principais de uma pedagogia da participação são a observação, a escuta e a negociação. As práticas desejáveis de observar, ouvir, escutar e negociar precisam estar situadas em um pensamento reflexivo e crítico sobre o porque e o para que dessa observação, escuta e negociação. (OLIVEIRA-FORMOSINHO 2007, p. 28)

Podemos inferir com base em Oliveira-Formosinho (2007) que essa pedagogia da infância sugerida busca valorizar as crianças, apontando formas diferentes de fazer ciência, onde as crianças não são vistas como seres passivos e descontextualizados. Com isso é possível evitar o reducionismo da infância e das crianças, por conseguinte evitar o reducionismo na qualidade da ciência produzida com a criança.

Repensar a prática educativa a partir dos olhares e concepções das crianças, exige um esforço no sentido de romper com um pensamento pedagógico adultocêntrico, passando a tomar como ponto de partida das ações a escuta das crianças, considerando os diferentes olhares e interpretações a cerca do mundo, como também as múltiplas linguagens com as quais se expressam.

Nessa mesma linha de pensamento, buscamos embasamento em Cruz (2008) para afirmar que a valorização dessa escuta nos leva a diversos aspectos positivos, tais quais, o conhecimento particularizado dos acontecimentos no interior das instituições frequentadas pelas crianças, bem como apreender como elas se sentem e se veem na escola infantil, mediante as atividades que vivenciam.

A escuta das vozes das crianças, enquanto ponto de partida para a prática educativa, se configura como eixo norteador deste estudo, pois tomamos como base os postulados de Oliveira-Formosinho (2008) ao ressaltar que as crianças possuem um papel ativo em seu grupo social e cultural, portanto, essa escuta das crianças precisa considerar a criança no espaço pedagógico como sujeito da Educação Infantil.

Considerando que as crianças não são seres passivos, legitimar suas peculiaridades e particularidades perpassa por observar, ouvir e sondar suas intenções. Ao fazer uma análise da Convenção dos direitos da criança veremos que desde 2004 já é preconizado o direito á fala e escuta respeitosa das crianças:

Art 12 A criança tem o direito de exprimir livremente a sua opinião sobre questões que lhe digam respeito e de ver essa opinião tomada em consideração.

Art 13 A criança tem direito à liberdade de expressão. Este direito compreende a liberdade de procurar, receber e expandir informações e ideias de toda a espécie, sem considerações de fronteiras, sob

forma oral, escrita, impressa ou artística ou por qualquer outro meio à escolha da criança. (UNICEF, 1990, p.10 e 11)

De tal modo, observa-se que a escuta das vozes das crianças seja ela pela expressão verbal e não verbal, se configura enquanto um direito assegurado que traz consigo uma obrigação cívica de incorporar tais direitos em cotidianos que as respeitem, sendo portanto um direito assegurado de exprimir os seus pontos de vista, obter informações, dar a conhecer ideias e informações, sem considerações de fronteiras.

Tomar as falas das crianças como centro da compreensão dos contextos educativos perpassa pela construção de um cotidiano que privilegie o diálogo, onde a escuta seja um processo aberto, sentido como necessário. Consideramos pois, que “as crianças conhecem as características dos contextos educativos. Percebem, descrevem, analisam interpretam esses contextos naquilo que são as suas experiências dos papéis de adultos.” (OLIVEIRA-FORMOSINHO 2007, p. 70)

É pertinente uma reflexão no sentido de justificar por que ouvir as crianças. Podemos compreender com base em Oliveira-Formosinho (2008) e fazer uma breve síntese de suas idéias, ao afirmar que essa escuta ajuda os adultos a tomarem melhores decisões, conhecer melhor o que se passa nas instituições e essencialmente entender como elas vêem o que se desenvolve em seu entorno.

Esse processo de escuta, também se insere no cenário educacional, como forma de avaliar o trabalho desenvolvido nas instituições de Educação Infantil – creches e pré escolas, ampliando possibilidades para intervenção bem planejada e adequada para a melhoria da educação em cada contexto:

Na área da Educação Infantil, as informações que as crianças podem dar são relevantes para se conhecer melhor o que se passa nas instituições de cuidado e educação de crianças pequenas e também para entender como elas vêem os processos que aí se desenvolvem, como se sentem, o que temem, o que desejam na sua experiência educativa. . (OLIVEIRA-FORMOSINHO 2007, p. 79)

Na mesma linha de condução, acreditamos que apreender as opiniões e sentimentos das crianças que frequentam CMEI, no sentido de oportunizar esses que geralmente são excluídos dos processos políticos de educação, enquanto forma

para ampliar o conhecimento relativo ao direito e à qualidade fundamental da Educação Infantil.

Assim dar voz às crianças é, ao mesmo tempo uma expressão da opção pedagógica em curso, a qual encerra uma imagem de criança competente e com direito à participação, e também uma estratégia de aprimoramento da prática docente, de melhoria de qualidade dos contextos educativos. (OLIVEIRA-FORMOSINHO 2007, p. 79)

Nesse sentido, cabe refletir sobre a criança como um sujeito repleto de possibilidades e características distintas que carrega para o espaço educativo sua forma de ver e interpretar o mundo e ale atribuir significados. Essa diversidade de características individuais interferem nos modos como ela vê e caracteriza essas interações e representações.

Para que a escola privilegie os aspectos da criança enquanto ser histórico e produtor de cultura, demanda de momentos de provocação do pensamento crítico, enfim que considere a criança com voz ativa, capaz de expressar seus desejos e expectativas.

Essa escola precisa ser entendida de forma contextualizada, contemplando ao mesmo tempo os direitos e necessidades básicas da criança, pois é imprescindível que este espaço seja significativo para os sujeitos que dele participam. Destacamos, portanto que para que isso aconteça é preciso dar à criança vez e voz para falar de si mesma, indagando-a de diferentes maneira o que ela espera da escola de Educação Infantil.

Posto que a leitura é sempre produção de significados, considero que Cruz (2008) e Oliveira Formosinho (2008) fazem análises bastante pertinentes quanto ao trato dado à criança e a consolidação da Educação Infantil. Essas referências contribuíram para aguçar e reforçar o desejo de estudar a temática da infância direcionada às escolas de Educação Infantil e dar os contornos finais do problema da pesquisa.

Considerando que o lugar – neste caso a escola de Educação Infantil – é algo subjetivo, por relacionar-se, com as experiências individuais. É neste sentido que busco compreender o que significa a escola de educação Infantil para a criança e que lugar ocupa em sua vida. Não quero com isso adentrar na complexidade do ser criança, mas sim na condição de ser criança dentro do espaço escolar. A finalidade

é analisar as considerações que as crianças têm sobre sua própria escola, seus professores e as atividades que experienciam.

À vista disso, a próxima seção desse estudo se dedica a descrever o caminho trilhado, narrando desde o momento de construção do objeto de pesquisa, perpassando pelas opções e procedimentos metodológicos, durante toda realização da pesquisa.

5. PERCURSO METODOLÓGICO

Pesquisa pressupõe busca pelo conhecimento, por meio de uma investigação feita com objetivos expressos e bem estruturados. O ato de pesquisar possibilita novas descobertas, intervenção, construir e/ou ressignificar conhecimentos perante a realidade que se mostra ao pesquisador. Ainda que nem sempre o pesquisador alcance todos os objetivos almejados, através da pesquisa, novos destinos e atitudes são tomados, ou pelo menos sugeridos.

A pesquisa sempre esteve presente em várias instâncias da vida social e seu conceito tem evoluído de forma bastante significativa, tornando-se elemento essencial para a educação contemporânea, uma vez que, a investigação científica promove a ressignificação do processo educativo em espaços formais e não formais e atua como instrumento de enriquecimento do trabalho educacional, seja ele orientador, administrador, professor, etc.

De tal modo pesquisar pressupõe um estudo minucioso, articulado, metódico e substancial de uma realidade a fim de descobrir ou aperfeiçoar dados, verificar, ampliar ou acrescentar novas informações a respeito do que se estuda. Ao definir os caminhos da pesquisa fez-se necessário delimitar quem seriam os sujeitos estudados e qual o local onde seria desenvolvida a pesquisa.

5.1 ABORDAGEM METODOLÓGICA

A motivação para a pesquisa implica a definição e utilização de métodos, questões, levantamento e exploração de campo, observação da realidade e formulação de problemas. Para tanto é preciso definir os procedimentos e o método. A metodologia, enquanto condição imprescindível para a competência científica configura-se como elemento decisivo dos caminhos da ação científica que indaga e questiona seus alcances e possibilidades, incluem as concepções do pesquisador, enquanto uma das formas estratégicas de pesquisa.

A pesquisa em educação tem evoluído bastante, na tentativa de superar algumas limitações e problemas éticos, metodológicos e políticos. Segundo André (2001); Lüdke e André (1986), a abordagem qualitativa enquanto metodologia de

pesquisa busca o contato direto do pesquisador com a situação estudada, e um plano de estudo flexível, com ênfase no processo e preocupação em retratar a perspectiva dos participantes.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, uma vez que o seu objetivo central são os significados atribuídos pelas crianças à sua própria creche. Conforme sinalizado por Macedo (2010) e André (2001) a compreensão do que as pessoas pensam a partir de suas próprias referências é uma das características deste tipo de pesquisa.

No desenvolvimento do presente estudo foi necessário um contato direto do pesquisador com o objeto de estudo, considerando as subjetividades dos sujeitos, portanto esta pesquisa se caracteriza por ser de abordagem qualitativa do tipo etnopesquisa crítica, pois:

No processo de construção do conhecimento, a etnopesquisa crítica não considera os sujeitos do estudo um produto descartável de valor meramente utilitarista. Entende como incontornável a necessidade de construir juntos; traz pelas vias de uma tensa interpretação dialógica e dialética a voz do autor social para o corpus empírico analisado e para a própria composição conclusiva do estudo, até porque a linguagem assume aqui um papel co-constutivo central. (MACEDO, 2000, p.10)

Concomitante com Macedo (2010), Silva e Cabral (2010), ressaltam que uma etnopesquisa crítica é uma pesquisa de natureza qualitativa, com o objetivo de compreender e explicitar a realidade tal qual é vivenciada pelos atores sociais em todas as perspectivas possíveis, onde o pesquisador vai a campo a fim de compreender de forma específica e contextualizada o fenômeno pesquisado.

A opção pela abordagem qualitativa deu-se por ser a que melhor se adequou à problemática em questão de acordo com a perspectiva em responder às inquietações levantadas. Por ser o campo da educação escolar, o lócus de estudo, e as crianças os sujeitos, é que enveredou-se por esta abordagem.

Algumas das questões éticas levantadas pela pesquisa qualitativa, na opinião de Martins (2004) são: a proximidade entre pesquisador e sujeitos pesquisados e o envolvimento do cientista com a causa a ser pesquisada. “Não cabe ao cientista reforçar ideologias existentes, mas fornecer instrumentos para desvendá-las e superá-las” (MARTINS, 2004, p. 296). Neste sentido o pesquisador precisa fazer-se entender pelos sujeitos que dele dependem.

Assim como surgem as questões, também é crescente o cuidado e o compromisso com a pesquisa enquanto uma prática apropriada e necessária na edificação da vida em sociedade. Sendo assim, foram considerados os princípios da abordagem qualitativa, bem como da etnopesquisa crítica abordados por Macedo (2010) que ao optar pelas formas de investigar, tomou-se o cuidado de não centrar-se demasiado no rigor de normas técnicas, para não tornar silentes os sujeitos objetos da pesquisa.

Considerando que “da perspectiva da etnopesquisa crítica, o que não se admite é que pelo esforço desconstruir conceitos de “segunda ordem” se destrua a própria realidade investigada e a substitua por uma versão científicizada e abstrata”. (Macedo 2000, p.12) é que o princípio da ética e interação entre sujeito pesquisador e sujeito pesquisado precisa garantir que seja admitida a relevância do outro, e principalmente que seja garantida a validade e fidedignidade dos dados produzidos e analisados para que de fato a pesquisa possa contribuir para a participação e transformação da vida humana.

A partir das concepções levantadas por Lüdke e André (1986) e (Macedo 2010) considere que a atividade humana requer concepções teóricas que a norteia. Ao partir do princípio que o ato de pesquisar pressupõe um estudo minucioso, possibilitando verificar dados, ampliar ou acrescentar novas informações a respeito do que se estuda. Ao definir os caminhos da pesquisa fez-se necessário delimitar quem seriam os sujeitos estudados e qual o local onde seria desenvolvida a pesquisa.

5.2 CENÁRIO DA PESQUISA

O Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Pequeno Gênio, lócus desta pesquisa está situada no Conjunto Habitacional João Durval – URBIS I, localizada na periferia do Município de Serrinha – Bahia. A opção por essa instituição se deu mediante a implicação do objeto de estudo se relacionar com a prática docente da pesquisadora, onde o problema a ser pesquisado, está diretamente ligado com o local de atuação profissional.

Desta forma, torna-se o ambiente propício para se obter os dados e informações complacentes com a problemática levantada no presente com o intuito de compreender o que significa a Escola Educação Infantil para as crianças.

Considerando, que a escolha vem imbuída de sentidos das vivências da prática educativa, bem como da motivação a partir das expectativas do que alçamos pesquisar. A escolha do lugar se deu pela relação profissional que tenho estabelecida, pois já trabalho como Coordenadora Pedagógica. O lugar aqui é visto como ponto de encontro entre o que já temos consolidado e o que pretendemos nos próximos passos.

O primeiro desafio surgiu logo no momento inicial da pesquisa, pois era preciso olhar por uma lente diferente da que enxergamos as atividades do cotidiano. Era preciso superar o olhar de coordenadora, dando lugar ao olhar de pesquisadora. Nesse caso a realidade partilhada, se tratava de um novo desdobramento da pesquisa com crianças sobre suas experiências e expectativas em relação à Escola de Educação Infantil.

No início da pesquisa a Instituição possuía apenas duas salas de aula, atendendo um total de 33 crianças apenas da etapa creche – crianças de zero a três anos. Devido a muita reivindicação da comunidade escolar e comunidade local, a instituição passou por uma pequena reforma e ampliação. Hoje o atendimento neste espaço educacional é voltado pra um total de 110 crianças matriculadas, sendo quatro turmas da etapa creche - com crianças de um a três anos e duas turmas da etapa pré-escola – crianças entre quatro e cinco anos.

No tocante à dimensão organizacional e pedagógica, cada sala de aula conta com uma educadora formada em Pedagogia e uma educadora auxiliar com formação em magistério. No CMEI não há diretora, apenas uma vice-diretora que assume toda a função administrativa, e atualmente está cursando Pedagogia. Também há quatro funcionários de apoio, duas merendeiras, uma auxiliar de serviços gerais e um porteiro.

Ao realizar as leituras para a sistematização do quadro teórico, percebe-se a escassez das pesquisas que estejam centradas na figura da criança como atores principais na pesquisa.

Visto sob este prisma, a escolha do grupo foi complacente com a motivação para a pesquisa e os objetivos traçados, por isso optou-se por uma turma com crianças de três e quatro anos e que já estudam no CMEI desde um ano de idade.

Desta forma, para atender o objetivo central da pesquisa, em compreender o que as crianças pensam sobre a escola de Educação Infantil o presente estudo emerge como ampliação das formas de escuta, atenção e observação do universo infantil, tomando como referencia própria criança, fortalecendo esse princípio, nas atividades realizadas ao longo da pesquisa, buscou-se identificar qual o significado da escola infantil para as crianças.

5.3 SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos pesquisados foram as crianças de uma turma com idade entre três e quatro anos de um Centro Municipal de Educação de Educação Infantil (CMEI) pertencente à Rede Municipal de Educação de Serrinha, onde foram realizadas observações e registros variados, considerando o comportamento dos sujeitos e diferentes formas de expressão para compreender o objeto estudado.

A turma em que foi desenvolvida a pesquisa é composta por 12 meninas e quatro meninos. Do total, doze tem três anos, três têm quatro anos. A idéia foi auferir conhecimento e “garantir minimamente a heterogeneidade em variáveis consideradas analiticamente relevantes” (ROSA e ARNOLDI, 2006, p. 52).

Apesar desse numero de crianças na turma, trago as transcrições das falas de apenas seis crianças. Esse processo se deu, pois durante o período de pesquisa, houve a mudança de um ano letivo para outro, com isso algumas das crianças mudaram de escola. Outro fator marcante foi ter ocorrido uma greve com duração de 30 dias e com isso, algumas crianças, passaram a frequentar a escola particular do bairro. Com todos esses acontecimentos algumas crianças ainda não estão frequentando assiduamente, sendo assim optei por continuar a pesquisa com as que freqüentam regularmente, para assegurar maior riqueza nas informações prestadas.

Os dados construídos foram muitos, no entanto só foram feitas as transcrições das falas que se relacionam com a temática em estudo. Para essa etapa, novamente foi preciso dispor em ordem as respostas, desse modo trago as falas das crianças, seguidas das análises e articulação alicerçada nas observações e os referencias utilizados no estudo.

A variedade dos sujeitos foi pertinente para uma quantidade de dados qualitativos, ainda que não tenham sido muito, foram condizentes com os objetivos da pesquisa, pois, “na pesquisa qualitativa, não é a quantidade de pessoas que irão prestar informações que tem importância, mas, sim, o significado que os sujeitos têm, em razão do que se procura para a pesquisa” (ROSA e ARNOLDI, 2006, p.53). Posteriormente as informações prestadas foram analisadas.

Partindo do pressuposto que o contexto da pesquisa é de suma importância, a informação prévia do contexto escolar se fez necessário e muito útil. Antes de iniciar o trabalho de pesquisa, fiz a apresentação do projeto de pesquisa às educadoras e gestora do CMEI. Nesse momento foi entregue o ofício de autorização para realização da pesquisa, expedido pela UFBA, apêndice A, também foi entregue a carta de apresentação, apêndice B com as intenções da pesquisa.

No momento posterior, convidei os pais para participarem de uma reunião e/ou responsáveis pelas crianças da turma onde seria realizada a pesquisa, a fim de explicar que iria realizar o trabalho, bem como apresentar os objetivos e, prioritariamente pedir autorização para fazer registros fotográficos e audiovisuais das crianças. Também participaram da reunião as educadoras da turma e a gestora. Esse momento foi de suma relevância, pois na instituição já temos uma autorização para uso das imagens das crianças que é assinado no ato da matrícula, mas optei por esclarecer que a partir de então eles fariam parte de uma pesquisa científica.

Conforme compromisso firmado, onde a identidade de cada sujeito seria preservada, e por questões éticas, ao longo do texto serão utilizados alguns pseudônimos de identificação: Alécia, Yasmim, Elaine, Adriele, Maísa e Tájila. Estes foram utilizados, para não tornar mecânico com a utilização de códigos numéricos ou letras. As designações são frutos de nomes das crianças da rua onde morei e com as quais brinquei durante quase toda a minha infância, que se assemelham às características das crianças interlocutoras desta pesquisa.

Alécia é meiga, jeito doce ao falar, tímida, e se mostra bem delicada nos detalhes ao desenhar e em outras atividades. Yasmim se mostra bastante decidida ao fazer escolhas e se expressar, está sempre interessada em participar de atividades. Elaine é bem carinhosa, cuidadosa com seu material escolar, também se preocupa com os colegas e com a professora, sempre prestativa em qualquer acontecimento. Maísa é uma menina de personalidade marcante, mas, muito carinhosa, quer sempre a atenção da professora e dos colegas.

Adrielle é muito atenciosa, muito receptiva sempre que chega uma nova criança na sala, ou alguém que não faz parte do CMEI, recebe bem e quer sempre ajudar. Tájila é a mais nova da turma, muito esperta está sempre a captar e responder prontamente a todos os questionamentos da professora ou dos colegas.

5.4 OS DEGRAUS DA CAMINHADA: instrumentos e procedimentos

No desenvolvimento da pesquisa, antes de ir ao campo (lócus de estudo) fez-se necessário a delimitação do objeto de investigação através dos objetivos anteriormente definidos. Ao pensar nos métodos de construção de dados surgiu a necessidade de selecionar e estabelecer os instrumentos a serem utilizados, nesta etapa que se constituiu como os passos finais do estudo. Optou-se pela observação participante com registros, posteriores no diário de campo.

No que se refere aos procedimentos metodológicos foram utilizados diversos dispositivos ou técnicas, desde as observações, momentos da roda de conversa, desenhos das crianças, registros em vídeos e algumas fotografias. Por ser o objeto de estudo as concepções de crianças sobre as creches, realizou-se a observação participante, pois “se configura enquanto pertencimento original possibilita a apropriação e a vivência no mundo da ‘linguagem natural’ dos sujeitos no contexto original.” (SILVA E CABRAL 2010, p. 6)

Ainda nessa linha de pensamento, acreditamos que na pesquisa em educação, para que seja “um instrumento válido e fidedigno de investigação científica, a observação precisa ser antes de tudo correlata e sistemática. Isso implica um planejamento cuidadoso do trabalho e uma preparação rigorosa do observador” (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p. 25).

Para atender os objetivos da pesquisa, foram propostas aos estudantes algumas atividades, para que pudessemos filmar e anotar observações pertinentes com os objetivos da pesquisa, tomando como base o roteiro elaborado, apêndice C. Os dados para análise foram organizados a partir dos momentos de observação participante, registros no diário de campo e registros audiovisuais.

Dando os primeiros passos, foram promovidos momentos distintos para que as crianças pudessem expressar seus gostos e opiniões sobre a creche. Por se

tratar de pesquisa com crianças, fez-se necessário criar condições e situações para possibilitar às crianças um ambiente agradável, propício para as crianças expressarem seus gostos, sentimentos e preferências em relação ao seu lugar de estudo. Conforme salienta Macedo (2010):

O importante é ressaltar que, para conhecer como o outro experimenta a vida, faz-se necessário o exercício sensivelmente difícil de sairmos de nós mesmos. Há que nos desdobrarmos, revirmos, suspendermos preconceitos, criticarmos-nos, abrimos-nos a certa violação de *habitus* sagrados e solidificados da sociedade do “eu”. Experiência instintiva e radicalmente relacional intercriticidade. (Macedo, 2010, p.28) grifo do autor.

Partimos da vivência de diferentes momentos e experiências ao longo da rotina do grupo, no pátio, ao ar livre, no momento do banho e refeições também observou-se como as crianças reagem diferentes momentos, com múltiplas experiências. Nessa etapa da pesquisa, participar desses momentos foi primordial para a organização e procedimentos de pesquisa.

No início, foram captados e capturados pelas lentes fotográficas do celular e também do meu olhar atento, impressões sobre toda a turma para momento posterior elencar as falas e impressões que se relacionam com a pesquisa, para que posteriormente a esta fase de construção de dados, fosse realizada de forma bem articulada à análise das concepções das crianças a partir dos referenciais teóricos estudados. (...) Nesse processo de olhar o outro da perspectiva dele, é necessária uma “descrição densa” da experiência do outro e do “eu”. (MACEDO, 2000, p.29)

Visto sob este ângulo, e para não perder de vista o foco central demandado pelo trabalho, nem comprometer os princípios éticos no seu desenvolvimento, foi preciso adequar a ida à campo ao calendário escolar, reduzindo com isso o período de observação *in loco*. Na pesquisa, como em outros processos de ação e interação humana, as limitações e os entraves, às vezes, dão rumos diferentes ao traçado inicial.

Sendo assim, após acessar e dialogar com diferentes literaturas que discorrem sobre metodologias de trabalho e pesquisas com crianças, neste estudo optou-se por realizar observação participante, registro e interpretação de dados que se deu conforme descrito seguir.

O ato de pesquisar reclama por um trabalho que esteja pautado no princípio da interação, na tentativa de descobrir novos conceitos, novas relações, novas formas de entendimento, sem perder de vista os princípios éticos do pesquisador.

Na elaboração das atividades, foi tomado como base os objetivos da pesquisa que também serviram para dar seguimento ao desenvolvimento das atividades posteriormente no momento da apresentação e interpretação dos dados. No tocante à apresentação da pesquisa para as crianças, esse processo se deu por meio de um roteiro de atividades previamente elaboradas conforme Apêndice D. Essas atividades foram: roda de conversa; registro por meio de desenhos sobre; história para completar: história de uma escola para crianças.

Quando escolhi o desenho como um instrumento de produção dos dados, considerei, pois que a criança ao desenhar sua escola, faria que a representação gráfica, construída a partir da suas vivências neste ambiente. Para Campos (1998), o desenho é tido como uma técnica não verbal, mas de amplo valor investigativo, quando conexo com outras técnicas, sobretudo por ser bem adequada a sua utilização com crianças pequenas. Tomando como referencia os estudos da autora, é possível afirmar que, através do desenho, a criança expressa os seus sentimentos, vai além do que é dito.

Já a história para completar enquanto instrumento de pesquisa, tem sido utilizada por Cruz, (2008) em pesquisas com crianças de turmas de Pré-escola, como uma estratégia de apreender as percepções das crianças. No presente estudo, faço a alteração adaptando para as crianças de uma turma de crianças com idades entre três e quatro anos.

As observações, de forma sistemática foram feitas em dois períodos diferentes. Inicialmente o grupo era composto por crianças com idade entre três e quatro anos de idade, logo após a reforma e ampliação da creche, por ter um espaço maior, as turmas foram organizadas por idade e então tivemos dois grupos para desenvolver o trabalho: um com as crianças de três anos e outro com as crianças com quatro anos.

A organização inicial permitiu que em nenhum momento o olhar da pesquisadora deixasse de estar focalizado nos sujeitos-objetos da pesquisa, de modo a garantir que não fosse acumulado um amontoado de informações sem muita relevância, comprometendo com isso a produção de informações e uma análise mais consistente.

Compreender o que pensam as crianças sobre a creche, não poderia se dar a partir de um roteiro fechado e previamente estabelecido. Nesse sentido, as atividades foram guiadas por tópicos mencionados no Apêndice D, de modo a permitir flexibilidade nas respostas e, com isso, a sequência e os detalhes minuciosos ficaram por conta do discurso que era produzido e da dinâmica estabelecida em cada vivência proposta.

Assumir o papel de pesquisadora, não foi tarefa fácil, por partilhar um outro papel social nesse mesmo contexto, pois sou coordenadora pedagógica no CMEI Pequeno Gênio, mas, essa condição favoreceu uma relação cordial e de confiança, entre pesquisador e sujeitos pesquisados, pois as crianças já estavam acostumadas comigo naquele espaço.

No desenrolar das observações, em que foram lançados questionamentos às crianças, era concedido a liberdade para que falassem, mas, algumas vezes foram necessárias interferências, no sentido de motivar as falas, recompor o contexto do diálogo e esclarecer respostas como “boa!”, “legal!” ou quando uma resposta desencadeava outra pergunta.

Por ter sido conduzida no formato de um diálogo constante com as crianças, dados também foram surgindo conforme eram apreendidos silêncios, gestos, tiques de linguagens, entonações, sinais não verbais, como expressões faciais e hesitações. Essas situações ajudaram a enriquecer as observações e foram anotadas com rigor no diário de campo.

O diário me permitiu registrar informações produzidas no cotidiano da sala de aula, bem como a elaboração de notas de campo. Nessa perspectiva Macedo (2010) postula que notas de campo são relatos escritos do pesquisador, a partir de suas impressões sobre o que ele ouve, vê, experimenta e pensa no decorrer da pesquisa. Para que a observação fosse bem sucedida, as notas de campo foram detalhadas trazendo de forma extensivas os dados construídos durante o estudo.

Ainda de acordo com Macedo (2010), o diário de campo se configura enquanto um etnométodo de aprofundamento reflexivo sobre as experiências vividas no campo de pesquisa e no campo de sua própria elaboração intelectual com o objetivo de compreender o contexto do trabalho da investigação científica e colocar novos problemas. Nas palavras do autor:

Na realidade, a prática do diário de campo permite que nos situemos melhor nos meandros e nas nuances, em geral descartados, nem por isso pouco importantes, da instituição pesquisa, naquilo que são suas características explícitas e tácitas. Atinge o *habitus* objetivista cravado no inconsciente acadêmico, que termina por determinar procedimentos e conclusões de estudos. Entretanto, o mundo das implicações, apesar de permanecer no campo do não dito, jamais pode ser alijado do contexto da produção científica; é nesse instante que o diário de campo tem uma função de extremo significado heurístico. (MACEDO, 2010, p. 133) grifo do autor.

Concomitante com as ideias de Macedo (2010), o diário de campo, como meio de registrar todas as informações prestadas, foi constituído a partir dos registros audiovisuais, bem como a partir percepções da pesquisadora. Tendo o intuito de garantir a fidedignidade e não perder nenhuma informação valiosa para a pesquisa, as anotações aconteciam em alguns casos, no momento da observação e foram enriquecidos posteriormente, no momento imediato do término da observação. O diário de campo foi utilizado de modo que durante o tempo em que estava no local da pesquisa, ia escrevendo o que observava e em casa, reorganizava as anotações, tecendo comentários sobre o que foi visto ou vivenciado com as crianças.

Considerando que na maioria dos registros, foi possível capturar apenas as vozes, pois o instrumento utilizado (o celular) era deixado em cima da mesa para que eu pudesse interagir com as crianças durante a realização das atividades. Para tanto diário de campo buscou-se os registros do que não era capturado por áudio, como os gestos, expressões e reações das crianças á medida que era proposta uma nova atividade, ou lançada pergunta.

Ressalto que os dados construídos ao longo da pesquisa demandaram um dialogo constante com referências complacentes com o objeto de estudo. Dessa forma, a produção dos dados também exigiu problematizações capazes de auxiliar no desenvolvimento de análises sobre a complexidade que envolve a constituição de imaginários sociais das crianças.

Após a pesquisa de campo, já sob a posse dos dados, a pesquisa foi conduzida com o objetivo de analisar as concepções das crianças a partir dos referenciais teóricos estudados, nesse momento passamos para a apreciação sistemática dos dados. Para essa etapa da pesquisa guiei-me pela análise de conteúdo, pois “da perspectiva da etnopesquisa, a análise de conteúdos é um

recurso metodológico interpretacionista que visa descobrir o sentido das mensagens de uma dada situação comunicativa”. (MACEDO, 2010, p.145) o autor ressalta que:

Outra peculiaridade é que a análise de conteúdos implica um conjunto de recursos metodológicos. Conceituação, codificação, categorização, são recursos de análise incontornáveis, quando se lança mão desse recurso interpretativo. É importante salientar, ainda, que o domínio do método de análise de conteúdos não dispensa em hipótese alguma a inspiração filosófica e teórico-epistemológica, que deverá ficar evidenciada nos referenciais que fundamentam qualquer estudo. (MACEDO, 2010, p.145)

Condizente com o autor supracitado, Bardin (2001) apresenta uma perspectiva histórica e da análise do conteúdo que surgiu a partir de necessidades no campo da Sociologia e na Psicologia. Sendo assim a função primordial da análise do conteúdo é o revelar dos dados a partir do olhar crítico, sendo, portanto um conjunto de instrumentos de cunho metodológico em constante aprimoramento, que se aplicam a discursos diversificados.

A opção por essa forma de interpretação dos dados se deu por permitir ao pesquisador a análise de significados, que encarrega-se de uma descrição objetiva e sistemática do conteúdo extraído das comunicações e sua interpretação.

Partindo desse pressuposto, os dados foram organizados por categorias. Bardin (2001) salienta que a seleção de categorias é uma forma de pensamento e reflete a realidade, de maneira sucinta, em determinado período.

No tocante da análise de conteúdo as categorias são consideradas como forma de organizar determinados elementos a partir de características comuns. Na etapa da escolha, organizei conforme as respostas das crianças. À medida que trago as vozes das crianças, faço inferências retomando o referencial teórico adotado, embasando as análises, para assim, atribuir significado à interpretação.

Essa forma de interpretação baseada em inferências também se fundamenta nos princípios da análise de conteúdo abordado por Bardin (2001). Desta forma o esforço se deu no sentido de buscar o significado das palavras para além do que está posto. Nos desdobramentos dessa etapa, com o objetivo de descobrir as relações entre o conteúdo dos discursos produzidos pelos sujeitos, busquei compreender as falas e outras expressões das crianças, conforme descrevo no capítulo a seguir.

6. ANÁLISE E SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS

Analisar, compreender textos e mensagens escritas, é algo que o ser humano desenvolve há muito tempo, desde que as mensagens eram transmitidas em desenhos nas cavernas. Na pesquisa qualitativa, a análise e interpretação de dados se constituem como passos finais, é o momento de articular o aporte teórico adotado no embasamento do estudo, com as descobertas da pesquisa.

Neste capítulo será apresentada a análise e discussão dos dados construídos, a partir dos pressupostos teóricos e procedimentos metodológicos apresentados anteriormente. Para ponderar as informações obtidas, como procedimento, os dados foram organizados por categoria de acordo com as percepções e impressões ao longo do período em que estive inserida no campo assumindo o papel de pesquisadora.

Nesse percurso, a organização dos dados por categoria consistiu em um instrumento imprescindível para a análise, considerando a diversidade dos dados. Vale salientar que essas categorias não foram definidas previamente, mas emergiram no decorrer da pesquisa, ao organizar os dados no diário de campo.

A análise de dados dentro do sistema qualitativo é um dos momentos mais significativos “busca por apreensão profunda de significados, nas falas, nos comportamentos, nos sentimentos, nas expressões, interligadas ao contexto em que se inserem e delimitados pela abordagem conceitual do entrevistador” (ROSA E ARNOLDI, 2006, p. 65-66). Essa procura possibilita trazer à tona uma sistematização baseada na fidedignidade e qualidade.

Como se trata de uma pesquisa sobre concepções, pensamentos, opiniões, enfim, dados mais subjetivos e eminentemente individuais, em alguns momentos a análise parte das falas e ponderações particulares, sendo que vez por outra trago a transcrição dos dados empíricos, com intuito de sustentar minhas percepções.

Além das observações, para possibilitar diferentes formas de escuta com as crianças, os instrumentos de pesquisa utilizados foram: observações; roda de conversa, história para completar.

Durante as observações, foi constatado que dentro do espaço escolar, na sua interação com colegas, as crianças se mostraram bastante cooperativas, interativas e dinâmicas, a maioria está sempre interagindo com os colegas e professores.

Como as observações foram feitas em locais e horários diferentes como pátio, sala de aula, refeitório, as percepções e constatações também foram diversificadas.

Considereei como partes constituintes de uma mesma fala as expressões verbais e não verbais, foram apreciadas, portanto, gestos, expressões. Segundo Rosa e Arnoldi (2006) a sistematização é o foco central da pesquisa e cabe, portanto ao pesquisador deixar-se envolver pelos dados conferidos no momento preciso e quando a fala emitida pelos sujeitos se torna veemente.

Condescendente com a questão central e os objetivos traçados, na busca por caminhos que possibilitasse ir além de compreender conceitos pré-formulados sobre a escola de Educação Infantil, objetivou-se capturar os aspectos intrínsecos a esses conceitos. Nesse processo emergiram as seguintes categorias: a finalidade da escola de Educação Infantil para as crianças; atividades que devem ser realizadas na escola de Educação Infantil; a escola ideal na perspectiva das crianças. Estas serão apresentadas e exploradas a seguir, de modo que trago as falas das crianças, seguida de minhas percepções no momento das observações alicerçadas dos referenciais por hora escolhidos para embasar este estudo.

6. 1 ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL PARA AS CRIANÇAS;

A primeira categoria que apresento se refere à finalidade da escola de Educação Infantil para as crianças. Essa categoria emergiu a partir das observações, bem como das falas das crianças mediante as atividades propostas.

Ao observar no momento da chegada, na maioria das vezes, era perceptível como as crianças chegavam felizes e prontamente esperavam o momento da entrada no CMEI. Logo na entrada, ainda no pátio, sempre que podiam soltavam o braço da mãe ou da pessoa responsável que estava a lhe conduzir e iam correndo para o parque, essa reação também acontecia no momento da saída, demonstrando com isso que esperavam ansiosas o momento de ir ao parque. Começo a esboçar aqui as primeiras inferências a cerca das percepções das crianças em relação à escola.

Para muitas delas, o período na escola, é o único momento com este espaço brinquedos e brincadeiras variadas, pois a maioria das famílias pertence ao grupo

social de baixa renda, moram no bairro da escola, pertencente à periferia da cidade, que não possui espaços destinados ao lazer e brincadeiras infantis. Sendo assim, para essas crianças o tempo em que estão na escola é o que podem desfrutar daquele espaço de diversão e brincadeiras.

Em relação às atividades em sala de aula foi possível observar duas manifestações distintas: o contentamento era expresso quando as atividades propostas se relacionavam as atividades lúdicas (jogos e brincadeiras) ou quando era proposta uma atividade fora da sala de aula, revelando mais uma vez a força do brincar no desejo das crianças.

Essa mesma satisfação era expressa quando a professora dizia: “agora vamos fazer tarefinhas”. As respostas eram sempre “êba!” “que legal” “outra tarefinha” “êba” dentre outras, revelando prazer em realizar aquelas atividades.

No momento da roda de conversa, que foi mediada conforme apêndice C, a proposta foi no sentido de capturar as primeiras falas de forma sistemática. Perguntei sobre o que tem de bom na escola. Nesse momento as respostas foram:

Eu gosto de brincar, gosto dos brinquedos, gosto de fazer a tarefa, que eu mais gosto de brincar; estudar e fazer a tarefinha; (Alécia);

Fazer tarefa; (yasmim);

Dançar; (Elaine)

Brincar e pintar (Adriele)

Brincar, ler historinhas; (Maísa);

Brincar, cantar e....dançar (Tájila).

(Registros do diário de campo em 25-11-15)

Nas falas das crianças, as respostas que mais apareceram foi em relação ao brincar e outras atividades que se relacionam com o aspecto lúdico. Mas também demonstra muito gosto e satisfação em fazer as atividades que envolvem o eixo temático, linguagem oral e escrita, chamadas por eles de “tarefinhas”.

Em momento posterior, foi solicitado às crianças que fizessem um desenho sobre sua própria escola, nele deveria conter o que mais gostam de fazer nesse espaço e depois de concluída essa etapa também pedi que desenhasse o lugar que mais gostam da escola.

À medida que ia perguntando pedia que fizessem os registros em forma de desenho. Para ajudar na compreensão das respostas, a mediação se deu no sentido de ir perguntando sobre os desenhos e instigar as respostas, levando as crianças a responderem e explicarem as suas respostas. O esforço era feito no sentido de potencializar as vozes das crianças e oportunizá-las diferentes formas de se expressar.

A mesma atribuição à escola foi evidenciada no momento do desenho, conforme apêndice E, quando a proposta foi desenhar o que mais gostam de fazer na escola, e qual o lugar eleito como favorito por cada criança. Todos os registros se situaram no campo do aspecto lúdico, por meio do desenho de um brinquedo ou brincadeira, ratificando o que já havia sido observado e dito por elas anteriormente. Antes mesmo de registrarem por meio de desenhos já iam respondendo oralmente:

A escorregadeira; (Alécia)

O roda-roda; (Yasmim)

O parquinho, o parquinho (Elaine)

A escorregadeira; (Adrielle)

O parquinho e a escorregadeira; (Maise)

O balanço; (Tájila)

(Registros no diário de campo em 08-03-16)

Nas respostas, a esse tópico, o parquinho foi unanimidade. Todos responderam que esse era o seu lugar favorito. Uma delas completou sua resposta com a seguinte informação *“lá podemos brincar sem parar com todos os coleginhas”* (Adrielle, diário de campo em 08-03-16)

Durante essas seções de atividades em sala, sempre que possível ia perguntando sobre o que estavam desenhando e novamente perguntava, desenhou isso por quê? Outros questionamentos também foram feitos para que as crianças pudessem expressar os pensamentos e concepções acerca da creche.

Os relatos e reflexões a partir desse tópico permitiram capturar informações para subsidiar e compreender outras falas ao longo da pesquisa. Podemos inferir que para as crianças pesquisadas a escola assume duas finalidades, brincar e

estudar. Pois a maioria das respostas quanto ao que gostam e/ou esperam fazer, foram essas.

Ao falar sobre o que mais gosta na escola, Alécia enfatizou “a brincadeira, os brinquedos que tem aqui sala”, (apontando para a estante com as caixas de brinquedos). Em sua fala ela também alerta “mas, não é toda hora que pode brincar, tem a hora de fazer as tarefas” (Alécia, diário de campo em 26-04-16). Mas, demonstra que gosta de fazer as atividades, “as tarefinhas” tem muita atenção, sempre querendo fazer bem feito e bonito. Percebi que as crianças revelam no seu imaginário, a escola infantil como um espaço onde se pode aprender nonas coisas e acima de tudo, brincar, mesmo que eles saibam que às vezes existe um horário reservado para essa brincadeira.

Alécia começou a atividade revelando que adorava pintar e desenhar. Enquanto desenhavam perguntei para uma das crianças o que estava desenhando. Logo todas as outras foram me explicando de que se tratava o desenho. Alécia revelou alguns aspectos que não estavam retratados no desenho.

Explicou-me que gosta de brincar de mãe e filha e à medida que desenhava falava sem parar sobre o que desenhava “aqui sou eu e aqui é minha filha”, “eu brincando de boneca pró, o parquinho” ainda afirma que gosta do parque, “mas não pode brincar lá, se não queima que está sempre quente.” Essa fala se refere ao fato do parque ficar exposto ao sol e os brinquedos ficarem muito quente, o que na maioria das vezes impossibilita que as crianças possam desfrutar desse espaço de brincadeira. É possível perceber, que sua fala demonstra a sua insatisfação por não poder brincar no parque, já que esse é um privilégio apenas de dias sem sol e chuva.

No desenho de Adriele, apesar dela falar sobre varias outras coisas, como “brincar de muitos brinquedos os coleginhas” o que aparece em destaque é a “escorregadeira.” Ressaltando mais uma vez, o aspecto lúdico sendo revelado pelas crianças como uma forte representação da escola infantil. Mais uma vez o aspecto do brincar está associado à função da escola para as crianças, enquanto um espaço de brincadeiras e socializações.

No que se refere às concepções das crianças sobre a escola. Alguns resultados deste estudo confirmam os achados apresentados em outras pesquisas anteriores, no tocante à relevância que as crianças atribuem ao brincar na escola Cruz, (2008), Escarião (2009) e Cruz (2015). Esses estudos são tomados aqui como

suporte para corroborar com minhas inferências, no sentido de retomar a importância da escuta infantil, pois:

Assim, dar a voz às crianças, é ao mesmo tempo, uma expressão da opção pedagógica em curso, a qual encerra uma imagem de criança competente, e com direito à participação e, também uma estratégia de aprimoramento da prática docente, de melhoria da qualidade dos contextos educativos” (Cruz, 2008, p. 79)

Reafirmo a necessidade de escutar essas crianças, pois é nesse cenário que no campo da pesquisa, se fortalece a crença na criança competente, de modo a tomar os estudos a partir de seus olhares, abordando temas que são de seu interesse. Na busca por apreender a perspectiva infantil sobre sua experiência vivida retomo as DCNEIs de 2009, enquanto marco legal, asseguram o direito das vozes infantis, desde a liberdade de expressão, respeito, e da consideração dessas vozes na edificação do cotidiano educativo escola de Educação Infantil.

6.2 O QUE FAZER NUMA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL?

Essa categoria aborda, a partir do desejo das crianças sobre as atividades que devem ser realizadas na escola, emerge dos diferentes momentos como uma necessidade das crianças. Mesmo quando a conversa era direcionada a partir do que gostavam, elas relatavam o que era proposto e mais ainda, diziam o que deveria ter com expressões do tipo “mas tem que ter pró”, “mas, tem que ter muito brinquedo” (registros em áudio em 26-04-16) sinalizando sugestões de atividades para serem realizadas pela professora e por eles.

Na roda de conversa perguntei sobre o que deveria ter na escola e ainda não tem, Adrielle diz que deveria “*brincar de boneca, no pula-pula, festa para as crianças, uma festa com muitas bolas, doces, brinquedos e muitas crianças para brincar, queria brincar no parque*”. (Diário de campo em 26-04-16)

É possível inferir que mais uma vez é retratada na fala das crianças a necessidade de incluir mais atividades lúdicas e explorarem os espaços e brinquedos e brincadeiras já existentes no ambiente escolar infantil.

Reitero a importância de se perceber as necessidades da criança no ambiente infantil, para então privilegiar no seu desenvolvimento estímulos à sua criatividade, por meio do contato social com as outras crianças e com os adultos, promovendo o aprendizado de novos saberes, bem como, estabelecer um ambiente em que a criança se sinta confiante e segura.

É possível perceber que numa escola de educação infantil, as crianças almejam atividades ao ar livre. Mas, no contexto pesquisado, apesar de o pátio ser grande, se torna um espaço mal aproveitado e as crianças percebem isso quando relatam a necessidade atividades no pátio quando pergunto o que ainda não fazem e gostariam de fazer aqui na escola:

Brincar de macaquinho, um jardim de crianças; (Alécia)

Brincar de pega-pega; (Yasmim)

Brincar de esconde esconde. (Elaine)

Brincar nos risquinhos; (Adrielle) (os “risquinhos” são as trilhas desenhadas no chão na parte do pátio que é cimentada)

Brincar de boneca, brincar na escorregadeira; (Maísa)

Brincar ai fora; (Tájila)

(Registros no diário de campo em 26-04-16)

Todos os alunos retratam o pátio e o parque como sendo um espaço que traz satisfação para as crianças; é um ambiente lúdico em que o aprendizado se dá através do que lhes proporciona prazer, o contato com o ambiente externo, areia, plantas. Reforçando as temáticas discutidas nas aulas no CEDEI, sobre a importância do brincar enquanto coisa séria, pois na brincadeira a criança se equilibra, interage, vivencia novas emoções e reinventa a realidade.

Coaduna com esta reflexão Vygotsky *apud* Mello (2010) lembrando que o processo imaginativo infantil está relacionado ao desenvolvimento e se manifesta de maneira bem diferente da do adulto. Seus interesses são mais simples e

elementares, sua relação com o meio é menos complexa e menos flexível do que a do adulto, que tem maiores possibilidades de combinação do material imaginativo.

Ainda na roda de conversa, Máisa que quase não falava se a vez não direcionasse a fala para ela, gritou de lá do canto, “tem que ter menino e menina” “tem que ter a pró, a Pró Marta e a outra pró” (se referindo à educadora e a auxiliar)

As crianças almejam que as atividades na escola também sejam mediadas pela professora. A pesquisa aponta para a professora como uma figura importante para dar sentido à escola e as atividades propostas, pois quando pergunto o que mais precisa ter na escola para ser legal, logo responde: “a pró” “quando a pró passa tarefinha”, “quando a pró, leva para o parque” “a pró traz brinquedos legais para brincar” (Máisa, registros no diário de campo em 26-04-16)

Isso me leva a compreender que a representação que a criança faz da escola também está diretamente ligada à presença da professora para significar atividades realizadas em conjunto, relacionam a diretamente nas suas percepção acerca da escola no seu imaginário infantil.

Relacionando com as ideias de Mello (2010) o educador enquanto mediador, assume um papel fundamental no processo de construção de aprendizagens, sendo portanto que através de sua ação intencional é capaz de mediar a relação da criança com o mundo da cultura:

Nesse sentido é que o educador é o mediador da relação da criança com o mundo que ela passa a conhecer, pois os objetos da cultura se concretizam com o seu uso social. [...] a relação do homem com o mundo não é uma relação direta entre sujeito e objeto, mas é uma relação midiaticizada por outros homens. (MELLO, 2010, p.20)

Brincar com os coleguinhas também é repetido em algumas falas, sendo, portanto, a interação com os pares um fator que promove o desenvolvimento infantil, ressoando na valorização positiva das diferenças individuais, no interesse das crianças em se ajudarem quando percebem que alguma apresenta dificuldade em realizar determinada atividade, essa prática é referendada por Sarmiento (2007) quando o mesmo afirma:

O seu modo de interpretar e significar o mundo, é permeado pelas culturas nas quais se inserem, é marcado pela sua condição biopsicológica e pelo estatuto social dependente em que se

encontram. Nas suas relações com os adultos e nas suas relações com outras crianças, partilham, reproduzem, interpretam e modificam códigos culturais que são atualizados nesse processo interativo (SARMENTO, 2007, p. 43)

Como educadora, acredito que os espaços escolares, do portão de entrada à sala de aula, os ambientes externos, (o parque, o pátio, o refeitório) são campos privilegiados que pulsam as narrativas das crianças, sendo possível capturar em seus movimentos comunicativos suas expressões sobre dizeres, pensamentos e ações enquanto sujeitos de uma cultura, como intérpretes de uma instituição.

No entanto, esse exercício exige de nós, os adultos outras formas de organização, outras maneiras de se relacionar com os pequenos no interior da escola de Educação Infantil, pois considero que as crianças, entre seus pares conversam, celebram, constroem, confrontam ideias, e elaboram argumentações. Nesses momentos de partilha, se utilizam de referências próprias do mundo dos adultos, reelaborando saberes próprios, fruto das relações afetivas, permeadas pela amizade, diversidade e ludicidade.

Partindo do pressuposto do que é assegurado por Sarmiento (2007) as crianças nas relações que estabelecem com as outras crianças, com os adultos e com o ambiente, constroem, reconstroem, interpretam e incorporam informações culturais que se constituem a partir dos valores, normas sociais, representações sociais expressadas no mundo infantil através de histórias, jogos, imagens e brincadeiras.

O que me leva a inferir que este espaço é visto pelas crianças como um espaço que desperta o seu interesse e propicia a expansão da sua criatividade e múltiplas formas de interagir e aprender, por meio das vivências e experiências, logo é preciso repensar algumas atividades direcionando-as para mais propostas de atividades lúdicas.

Diante dos estudos e dos resultados da pesquisa, é possível apontar que sendo a escola o lugar em que a criança passa boa parte de seu dia, por conseguinte, é necessário que, aos olhos da própria criança, seja um espaço acolhedor, agradável, e ao mesmo tempo desafiador e instigante.

Desta forma, faz-se necessário perceber a escola a partir de uma abordagem que entende a criança como um ator social relevante, que participa, ao mesmo tempo em que atua sobre este espaço, cria, recria e transforma.

Dito por Cruz, (2008), é necessário não apenas falar sobre as crianças, mas falar com elas, de modo a favorecer uma escuta sensível sobre seus desejos, temores, alegrias e decepções, uma vez que a compreensão e a integração de seus dizeres sobrepostos aos dos adultos mostram-se fundamentais na constituição de espaços de Educação Infantil.

Foi perceptível o quanto que as crianças apresentam em suas atitudes uma gama de sentimentos, pensamentos e vivências que transcorre das suas experiências e sensações que, e que por vezes interferem no seu desenvolvimento, forma de pensar, perceber e narrarem as situações vivenciadas.

Outro aspecto percebido por meio dos resultados obtidos refere-se à efetivação de políticas públicas que respeite a criança em sua essência. Retomamos as ideias de Kramer (2003) quando destaca o papel dos fóruns de Educação Infantil realizados com a finalidade de reunir instâncias instituições de modo a agrupar esforços, para transpor os limites do discurso e assegurar estratégias que objetivem atendimento de qualidade às crianças de zero a cinco. Nesse sentido, é preciso também pensar incluindo a formação do professor, de modo que esse seja levado a refletir sobre o que pedagogicamente deve nortear o atendimento às crianças.

É possível perceber do que foi dito até aqui que as creches e pré-escolas surgiram a partir de mudanças econômicas, políticas e sociais que ocorreram na sociedade. Essas mudanças são frutos, dentre diferentes fatores, da inclusão das mulheres à força de trabalho assalariado, na organização das famílias. Vale destacar também, as razões que estão imbricadas com um conjunto de ideias novas sobre a infância, bem como sobre o papel da criança na sociedade.

Se considerarmos que vivemos em contextos culturais e históricos em constante transformação, tomamos como base, neste estudo o princípio que as crianças participam desta transformação e, por conseguinte são transformadas à medida que vivenciam e experimentam momentos e atividades distintas em um contexto dinâmico. Logo, penso ser de extrema relevância partir das mudanças que ocorreram com a infância e as crianças ao longo dos tempos e de tal modo, assegurar à criança o direito à sua infância.

Durante a realização da pesquisa, a partir de leituras, diálogo com as crianças, observações e reflexões, percebi que a Escola Infantil ocupa um lugar de evidência na vida das crianças, estas a colocam como uma parte muito importante

em sua vida. Acredito que a creche e pré-escola se constituem num importante espaço de descoberta e ressignificação do mundo que o cerca.

6.3 A ESCOLA IDEAL NA PERSPECTIVA DAS CRIANÇAS

Essa categoria emergiu com a proposta da história para completar. Iniciei a história falando que era uma história de uma escola só para crianças, mas que não sabiam como deveria ser essa escola, e para isso estavam ouvindo várias crianças para saberem o que colocar nesta escola. Logo em seguida, os convidei a participar da história, com a seguinte pergunta: Vamos ajudar esses adultos? Ecoando um coro “vamos”.

Dando prosseguimento perguntei: como deve ser uma escola só para crianças, a cada resposta ia indagando: “e o que mais?” Ao final da roda de conversa as respostas foram:

Grande e cheia de brinquedos; com uma sala muito grande.... baixa não!; escrever no caderno e no quadro da pró; brincar de olho mágico (Alécia)

(a professora explicou que o olho mágico é atividade que eles atribuíram de recolher os brinquedos, logo após as brincadeiras)

Fazer tarefa, Uma escola grande, bonita, pequena é ruim... com parque, brinquedo; (yasmim)

Estudar, brincar com massinha; Tarefa na pasta. (Maise)

Fazer muita festa.... festa para crianças....
Brincar no parque (Adrielle)

Com brinquedos, e um parque, ajudar o coleguinha, tarefa de colagem. (Tájila)

Cheia de brinquedo; uma piscina de bolinha; fazer o nome; fazer as tarefas, pintar, brincar com massinha, com as histórias, ler as historinhas com a pró, os joginhos, o parquinho. (Elaine)

(Registros no diário de campo em 27-04-16)

Na fala de Alécia, ela descreve a escola como o espaço destinado a aprender, e a fazer as tarefas, onde para ela há uma oscilação entre momentos em que todos aprendem e momentos em que brincam. Já Elaine, responde com precisão e relata além do que pergunto. Na fala dela é possível identificar a satisfação pelas coisas

que aprendeu na escola. Ela ressalta mais de uma vez o fato de já saber fazer o nome no desenho, sem pedir a ajuda de ninguém, porém, ao longo da conversa revela que ainda precisa da ajuda da professora para fazer algumas tarefas. Ratificando a ideia de que é na interação com o outro que a criança aprende, constrói e reconstrói as suas ideias sobre o mundo que a cerca.

Quando pedi para desenhar o que mais gostam da creche, Elaine logo pegou o papel e várias canetas hidrográficas e lápis coloridos. Começou a desenhar e pintar, ao mesmo tempo em que ia descrevendo baixinho o que significava tudo. Quando me falou sobre o desenho era como se estivesse contando uma história que trazia a importância da pró e dos brinquedos para sua sala, mas também falou sobre os coleguinhas.

A partir da fala das crianças, observa-se que a brincadeira assume um papel relevante na Educação Infantil, sendo que as crianças mencionam o brincar como aquilo que mais gostam de fazer. Sendo assim, as brincadeiras assumem a função pedagógica, à medida que promovem a criação de situações imaginárias. Para tanto é revelado novamente como um elemento indissociável na escola do ideário infantil.

Retomando as ideias de Corsaro (2011) é possível afirmar que a brincadeira enquanto forma de aprendizagem ressignificada, possibilita às crianças interpretar e recriar expressando sua criatividade, seu pensamento, e a sua percepção acerca do mundo e das situações que a envolvem.

Sendo revelado enquanto a escola idealizada pelas crianças se configura enquanto um espaço de aprendizagem, mas precisa de um espaço físico agradável que favoreça uma infinidade de oportunidades, vivenciadas nos momentos de brincadeiras e interações diversas, sejam entre as próprias crianças ou mediadas pela educadora.

Essa compreensão sinaliza, a necessidade da escola infantil abordar em seu planejamento, a utilização da brincadeira como eixo estruturantes das atividades pedagógicas. Cabendo assim, aos educadores o entendimento que na brincadeira, a criança cria um espaço onde poderá experimentar o mundo e construir uma compreensão única sobre as pessoas, os sentimentos e os infinitos conhecimentos.

Para reafirmar a resposta anterior, fiz a pergunta sobre o que não pode ter na escola, pois se tiver fica ruim. E antes que terminasse de explicar a pergunta, Alécia respondeu: “não brincar, se não brincar fica ruim” e os demais continuaram:

Se não tiver brinquedo; se não puder brincar no parque, tem que cobrir o parque e plantar umas plantas grandes, com umas salas bem grandes (yasmim)

Sala pequena, se as paredes ficarem sujas (Elaine)

Tem que ter uma sala grande, baixinha não, não cabe a gente e as cadeiras e os brinquedos, (Adrielle)

Tem que ter um monte de brinquedos, desenhos, não pode riscar as paredes dos desenhos. (Maísa)

Se não tiver flores, flores para a pró, aí tem que ter muitas plantas e brinquedo, mais arvores no parque!. (Tájila)
(Registros no diário de campo em 27-04-16)

Mais uma vez o aspecto físico aparece relatado nas falas das crianças. Conforme relatado por algumas crianças o ambiente escolar não é amplo e por vezes provoca impaciência nas crianças. Mesmo com a pequena reforma, e a chegada do parque, o espaço ainda não contempla todas as necessidades das crianças. Por meio de seus desenhos e falas, percebe-se que as reclamações se dão no sentido de não poderem experimentar com frequência o parque da escola, a todo o momento era como se quisessem dizer “de que adianta ter parque se as crianças não brincam”. Sendo então o parquinho o objeto de cobiça de todas as crianças.

Vale salientar que mesmo o espaço físico das salas sendo pequeno, as cadeiras e mesas são de acordo com o tamanho das crianças existe em todo o CMEI um pátio amplo, porém não é muito explorado em função do clima ensolarado e a falta de espaço coberto e confortável para as crianças, sendo o parque quase que proibido em alguns momentos, com isso, quando podem, as crianças brincam de correr de lá pra cá, tentando explorar o máximo do espaço existente.

É possível observar o quanto as crianças atribuem significado ao espaço físico da escola como um elemento importante no processo de socialização, aprendizado e brincadeiras. Visto que esse reconhecimento ainda é recente nas discussões sobre educação infantil, ainda é muito comum escolas e creches que descuidam desses elementos e não tomam como base ao planejarem os ambientes infantis.

No que tange á escola ideal, as respostas também se relacionam ao espaço físico, pois almejam um espaço físico maior. Partindo do pressuposto que o

ambiente físico exerce impacto sobre os indivíduos, para as crianças, podem influenciar suas formas de se expressar e comunicar-se com o ambiente educativo, de modo a facilitar ou não o desenvolvimento de algumas atividades.

Enquanto marco legal, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) orienta sobre o espaço físico e os recursos materiais, destacando-os enquanto elementos essenciais em um projeto educativo, vistos como auxiliares de grande relevância no processo de aprendizagem infantil, para tanto:

Espaço físico, materiais, brinquedos, instrumentos sonoros e mobiliários não devem ser vistos como elementos passivos, mas como componentes ativos do processo educacional que refletem a concepção de educação assumida pela instituição. (BRASIL, 1998, p. 68).

Desde a roda de conversa, perpassando pelos desenhos feitos pelas crianças revelam a sua forma de expressão da escola. Mesmo que tivesse pedido que registrasse o que mais gostavam de fazer e o lugar preferido, a maioria delas centrou-se apenas em um espaço da escola, o que julgaram como favorito seguramente o que assume algum valor simbólico para elas.

Cabe ressaltar que este é apenas um dos elementos significativos no que tange à garantia da qualidade em instituições de educação infantil. todas as crianças citaram o parque como o espaço de que mais gostavam. Sendo assim, o parque assume uma representação da escola por ser tratar de um momento onde a interação e o aprendizado acontece de maneira lúdica, bem como, a razão por elas gostarem de fazer atividades no ambiente externo.

Cabe lembrar que, de acordo com as observações realizadas ao longo da pesquisa, as observações, a participação das crianças nas atividades propostas, bem como suas respostas nas rodas de conversa e os relatos dos desenhos sobre a escola infantil, revela o quão é necessário continuar a luta por uma escola de qualidade, que vise atender às reais necessidades da criança enquanto o ator principal da Educação Infantil.

Estas necessidades são relatadas no presente estudo por meio do que pensa a criança sobre a escola de Educação Infantil, enquanto um espaço de socialização e interação mediado por atividades lúdicas, promovendo aprendizado. Reafirmando assim, a urgência de pensarmos a Educação Infantil a partir do olhar e das

necessidades apontadas pelas vozes das crianças, que por sua vez, deverão alicerçar o planejamento pedagógico, a necessária discussão sobre as políticas públicas que se dispõe a atender às necessidades da criança.

Não é demasiado ratificar que esta escuta deve partir do princípio defendido pela Sociologia da Infância e da Pedagogia da Infância, tomando a criança como um ser social, atuante, construtora de cultura, que possui características próprias, reconhecendo-a como sujeito de direitos, ativo no processo de desenvolvimento e na construção das relações sociais que estabelece com os outros, e na percepção do mundo que a cerca.

Para Cruz (2008) Sarmiento (2008) e Oliveira-Formosinho (2008), a criança é concebida como sujeito histórico e de direitos, construtora da sua identidade pessoal e coletiva por meio das interações, relações e práticas cotidianas que vivencia. Além disso. A apropriação dessa concepção de criança pode significar um salto qualitativo para o atendimento nas instituições da Educação Infantil no que tange ao trabalho pedagógico cotidiano.

Dessa maneira, ao propor desconstruir a constante afonia e invisibilidade das crianças nas investigações, e passar a concebê-las como atores sociais plenos e de direitos, capazes de formular interpretações sobre os contextos nos quais se inserem, a Sociologia da Infância assume a questão da participação infantil como essencial na demarcação de um estatuto social da infância e na caracterização do seu campo científico.

Os autores ressaltam que a proposta de participação infantil configura-se como mais um passo para a construção de um espaço da cidadania da infância, uma vez que tenta recuperar a presença da criança como parceira em todo o processo de trabalho interpretativo, com base no reconhecimento de que sua voz e sua ação são aspectos indispensáveis para o desenvolvimento da investigação.

Em consonância com a ideia preconizada pela Sociologia da Infância, com Corsaro (2001) e Sarmiento (2008) a criança é vista como um ser que produz cultura ao brincar, imaginar, fantasiar, questionar e construir sentidos sobre a natureza e a sociedade a partir de processos de significação que são específicos e diferentes daqueles produzidos pelos adultos.

Consoante com os autores supracitados, na DCNEI, a criança também é considerada ator social e que produz uma cultura própria, ao narrar, desejar, observar, por meio de diferentes formas de experimentar e vivenciar a realidade.

Diante do que é proposto pelos marcos legais que regem a Educação Infantil, influenciados pelos preceitos da Pedagogia da Infância e da Sociologia da Infância, assim como do espaço conquistado por pesquisadores em valorizar e efetivar o direito que as crianças pequenas possuem de serem vistas, ouvidas e consideradas informantes principais na consulta sobre temas que as perpassam cotidianamente, ressaltamos o propósito desse estudo em conhecer as concepções e opiniões das crianças sobre a escola de Educação Infantil.

De modo consonante, reiteramos a relevância em conhecer as crianças, suas percepções acerca do que fazem, do que brincam ou de como vivem suas infâncias, como um ponto de partida para se pensar a prática pedagógica nas instituições de Educação Infantil e organizar indicadores para refletir sobre o trabalho realizado em creches e pré-escolas, onde meninos e meninas passam boa parte de seu dia.

PARA NÃO CONCLUIR... ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A Educação Infantil tem sido objeto de estudo de várias pesquisas, no entanto, alguns fatores específicos direcionados aos principais atores desta modalidade educacional – as falas das crianças são pouco estudadas. Entre eles, enveredei por estudos que se correlacionam com as concepções da criança a partir dos sentidos e significados que atribuem à escola de Educação Infantil.

O ser humano por sua natureza existencial precisa interpretar a si e ao mundo em que vive atribuindo significados às suas interpretações na busca pelo conhecimento. Por entender a pesquisa enquanto algo de extrema relevância para a formação acadêmica, social e pessoal, estruturar e desenvolver este trabalho me fez perceber o quanto é difícil realizar pesquisa em Educação Infantil. Nos caminhos trilhados inúmeros foram os problemas, dúvidas e entraves, o desafio foi lidar com o confronto cognitivo e epistemológico, ao passo que a pesquisa ia ganhando novos contornos alguns questionamentos eram respondidos e outros iam surgindo.

Tomando como base os pressupostos apresentados, torna-se oportuno reafirmar a intenção desse estudo que foi conhecer o que as crianças pensam, sentem e esperam da escola de Educação Infantil em que estão inseridas, para com isso refletir sobre suas reais perspectivas e expectativas, na condição de sujeitos desse direito. Assim, ao analisar os dados produzidos nesse estudo, reafirmo a necessidade fomentar discussões, bem como novas investigações com olhares diferenciados para com as crianças.

Pesquisar sobre a Educação Infantil no contexto das transformações da sociedade contemporânea e compreender os significados da escola para as crianças, configura-se em uma tarefa complexa, e a partir dessa complexidade, algumas ponderações a serem feitas se dão no sentido de afirmar que a escola de Educação Infantil precisa de um projeto próprio que ofereça condições favoráveis à escuta sensível das crianças como ponto de partida para definir os caminhos a serem trilhados e os fios a serem tecidos diariamente.

Quando comecei a elaborar o projeto para a realização desta pesquisa, em alguns momentos pensei que seria muito difícil, próximo do impossível. Como experimentar uma escuta da voz das crianças? Foi preciso deixar de lado o meu olhar de adulto que por vezes, julga e avalia as crianças. O resgate pelo prazer da

infância, a busca por ouvir e escutar verdadeiramente me surpreenderam, me encantaram, pois as crianças me mostraram que veem a vida com a verdade do coração, de tal modo revelam a escola infantil enquanto um espaço desejado, mas que as vezes não contempla todos os seus anseios.

Ao longo da construção deste trabalho, foi preciso buscar embasamento teórico em autores e fundamentos teóricos que buscam garantir que a voz e vez das crianças sejam respeitadas. O desafio agora é fazer com que cada frase, gesto e opinião relatados e revelados neste trabalho nos ajudem a descobrir quais são as infâncias que precisamos olhar e cuidar, bem como o esforço que nós, os adultos, precisamos fazer em sair dos nossos padrões de linguagem e pensamento lógico para verdadeiramente poder ouvir o que nossas crianças têm a nos dizer e acima de tudo ressignificar a nossa prática tomando como base os desejos e anseios desses atores sociais, tornando o trabalho pedagógico significativo para eles.

A forma como hoje vejo as crianças, como seres ativos, que podem se tornar cada vez mais competentes para lidar com as coisas do seu mundo, isso se elas forem oportunizadas, me fazem acreditar e defender princípios pautados na Sociologia da Infância, bem como buscar privilegiar uma Pedagogia da Infância cotidianamente na escola.

Considerando o quanto é desafiante compreender o que pensa a criança, por ter uma lógica própria, ela encontra maneiras peculiares e muito originais de se expressar, com isso vive num mundo que é apenas seu, através do brinquedo, do sonho e da fantasia. Tudo isso leva-me a pensar que a experiência da Educação Infantil precisa ser muito mais qualificada.

A educação para essa etapa deve incluir o acolhimento, a segurança, o lugar para a emoção, para o gosto, para o desenvolvimento da sensibilidade; não pode deixar de lado o desenvolvimento das habilidades sociais, mas acima de tudo precisa privilegiar a escuta sensível, do que a criança anseia.

Para que se concretize essa responsabilidade social de compartilhar com as crianças esta descoberta tão excitante, exige desafio de romper paradigmas de tal modo nos convoca e nos compromete com uma escola infantil das crianças, pensada e alicerçada pelas crianças.

Nesse cenário, muito distante de querer depreciar a relevância sobre o estudo do ponto de vista dos adultos a cerca dos elementos e relações que constituem o cotidiano das instituições de Educação Infantil, o presente estudo soma-se aos

esforços já existentes no sentido de valorizar e efetivar o direito que as crianças pequenas possuem de serem vistas, ouvidas e consideradas como principais informantes no que tange a consulta sobre temas que lhes dizem respeito.

A apreensão e a relação estabelecida entre as vozes infantis e a dos adultos, em especial a dos educadores, é essencial para que creches e pré-escolas se constituam enquanto espaços significativos de desenvolvimento, aprendizagem e prazer para as crianças. Desse modo na presente pesquisa as crianças, reafirmam que a escola infantil é um espaço de aprendizagem, mas também um espaço ideal para interagir e brincar com os seus pares.

Esse estudo aborda implicações para pesquisas futuras, bem como práticas desenvolvidas na educação infantil. Devido o destaque atribuído pelas crianças ao brincar, assim como sua importância no desenvolvimento humano, cabendo assim aos futuros estudos investigarem as concepções dos professores sobre seu papel enquanto mediador das vivências das crianças nas escolas de Educação Infantil e como tem sido oportunizados os momentos de brincadeira.

Vale ressaltar que o movimento fruto desse interesse em pesquisar a criança e a infância no contexto da Educação Infantil, sob olhares ainda pouco explorados, sob o ângulo das concepções e perspectivas infantis, permite aos educadores contemplar em sua prática pedagógica os princípios assegurados nas leis, pautando o cuidar e educar de forma indissociável e de qualidade, respeitando as crianças enquanto sujeitos completos em si mesmos, conscientes de sua condição e situação, que se expressam através de múltiplas maneiras.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, LBP. **Educação infantil**: discurso, legislação e práticas institucionais São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 193 p. disponível em <http://books.scielo.org.com>. Acesso em 31-04-2015.
- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas – SP: Papirus, 1995.
- ARIÈS, P. **A História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1978.
- BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Trad. Luís Antero Reto e Augusto. São Paulo Livraria Martins Fontes. 70ª edição, 2001.
- BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas**: A infância. São Paulo: Planeta, 2003.
- BRASIL, Constituição (1988). **Constituição da República Federal do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- _____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Critérios para o atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças**. Brasília, DF: MEC/SEF/ Coedi, 1997.
- _____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. v.1-3. Brasília, DF: MEC/SEF/Coedi, 1998.
- _____. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Resolução do Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. 05/2009.
- _____, **Indicadores da Qualidade na Educação Infantil** / Ministério da Educação/Secretaria da Educação Básica – Brasília: MEC/SEB, 2009.
- BUJES, M. I. E. Escola infantil: Escola infantil : pra que te quero? In CRAIDY, Maria e KAERCHER, Gladis. **Educação Infantil: pra que te quero**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001. disponível em: http://www.grugratulinoofreitas.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/21/970/26/arquivos/File/materialdidatico/formacaodocentes/tpei/2_serie/EscolaInfantilPraQueTeQuero.pdf
- CAMPOS, M. M.; CRUZ, S. H. V. **Consulta sobre Qualidade na Educação Infantil**: o que pensam e querem os sujeitos desse direito. São Paulo: Cortez, 2006.
- CHARLOT, Bernad. **A mistificação Pedagógica**: realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação. São Paulo: Cortez 20013. Coleção docência em formação: saberes pedagógicos.
- CORSARO, W. A. **Sociologia da infância**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011

CRUZ, Silvia Helena Vieira (Org.) **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisa.** São Paulo: Cortez, 2008.

_____, Silvia Helena Vieira; CRUZ, Rosimeire Costa de Andrade. A perspectiva de crianças sobre a creche. **Revista Eventos Pedagógicos.** Educação de 0 a 3 anos em espaços de vida coletiva v. 6, n. 3 (16. ed.), edição especial temática, p. 155-175, ago./out. 2015

Disponível em: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/1909/1548>. Acesso em 22-05-16

DIDONET Vital; CORSINO, Patrícia; NUNES, Maria Fernanda Rezende. **Educação infantil no Brasil: primeira etapa da educação básica.** Brasília: UNESCO, Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica, Fundação Orsa, 2011.

ESCARIÃO, Andrea Dultra. **O que pensa a criança pequena sobre a escola de educação infantil?** Tese (Mestrado) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. 2009. 128 fls Disponível em <http://tede.biblioteca.ufpb.br/bitstream/tede/4844/1/arquivototal.pdf>. Acesso em 09-07-2015.

KRAMER, Sônia. **A Política do pré-escolar no Brasil: A arte do disfarce.** 7ª edição. São Paulo: Cortez, 2003.

KUHLMANN JR., M. **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica.** Porto Alegre: Mediação. 1998

LEONTIEV, A. N. Contribuição para uma teoria do desenvolvimento da psique infantil. In: VYGOTSKY, LURIA e LEONTIEV. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** São Paulo: Ícone; Editora da USP, 1998

MACEDO, R. S. **A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação.** Salvador: EDUFBA, 2000.

MACEDO, R. S. **Etnopesquisa crítica, etnopesquisa-formação.** Brasília: Líber Livro Editora, 2ª ed, 2010.

MARQUES, Fernanda Martins e SPERB, Tania Mara. **A Escola de Educação Infantil na Perspectiva das Crianças.** *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v.26(2), p. 414-421. 2013. Porto Alegre. Disponível em: <http://www.scielo.com.br/prc>. Acesso em: 20-05-2015 às 13:03.

MELLO, Suely Amaral. O lugar da criança na pesquisa sobre a infância: alguns posicionamentos na perspectiva da teoria historicocultural. **Revista Reflexão e Ação.** Santa Cruz do Sul, v.18, n2, p.183-197, jul./dez. 2010.

MUNNE. M. **Deixa eu falar!** Ministério da Educação/Rede Nacional Primeira Infância (MEC/RNPI), Secretaria Executiva/OMEP, 2011.

OLIVEIRA, Alessandra Mara Rotta de. **Do outro lado**: a infância sob o olhar de crianças no espaço da creche. In: CRUZ, S. H. V. **A criança fala**: a escuta de crianças em pesquisa. São Paulo: Cortez, 2008.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. Pedagogia (s) da infância: reconstruindo uma práxis de participação In OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia; KISHIMOTO, Tizuko Morchida; PINAZZA, Mônica Apezato (Orgs.). **Pedagogias(s) da infância**: dialogando com o passado: construindo o futuro. Porto Alegre: Artmed, 2007.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. (Org.). **A Escola Vista pelas Crianças**. Porto – Portugal: Porto Editora, 2008

ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto; ARNAOLDI, Marlene Aparecida G. C. **A entrevista na pesquisa qualitativa**: mecanismo para a validação dos resultados, Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Culturas infantis e interculturalidade. In: DORNELLES, Leni Vieira (Org.). Produzindo pedagogias interculturais na infância. Petrópolis: Vozes, 2007.


_____, Manuel Jacinto; GOUVEIA, Maria Cristina Soares de (orgs). **Estudos da infância**: educação e práticas sociais. Petrópolis, RJ: Vozes 2008. Coleção Ciências Sociais da Educação.

SILVA, M. R. S. da; CABRALC. L. de O. **Etnopesquisa crítica**: caminho (método) epistemológico e metodológico para se fazer uma pesquisa qualitativa em educação Disponível em: <http://www.ufpi.br/ppged/index/pagina/id/4060>. Acesso em: 09-06-2015.


UNICEF, Fundo das Nações Unidas para a Infância. **Convenção dos direitos da criança** 1990. disponível em: https://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf. Acesso em: 14-04-16

UNESCO, Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura Declaração **mundial sobre educação para todos e plano de ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem**. UNESCO, 1990. Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0008/000862/086291por.pdf>. Acesso em: 14-04-2016

APÊNDICE A – Autorização para a realização de pesquisa de campo



Universidade Federal da Bahia
Faculdade de Educação
Departamento de Educação II
MEC/SEB



Curso de Especialização em Docência na Educação
Infantil - 3ª Edição

Salvador, 19 de setembro de 2015

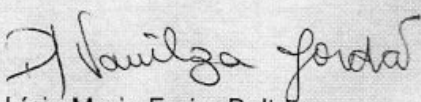
Ilma. Sra. Gelcivânia Mota Silva
M.D. Secretária Municipal de Educação de Serrinha
NESTA

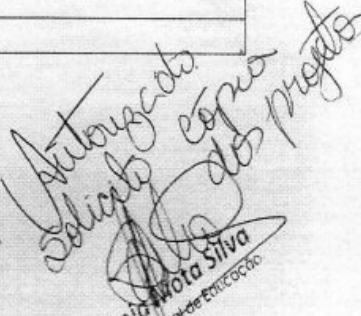
Senhora Secretária,

A Coordenação do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil MEC/SEB/UFBA, *lato sensu*, vem solicitar dessa Secretaria a autorização para realização de pesquisa de campo nas instituições de ensino da Rede Municipal, para fins de produção monográfica das cursistas regularmente matriculadas nesse Curso, conforme relação que segue.

QTD.	NOME COMPLETO
1.	TAISE DOS SANTOS FERREIRA
2.	RAQUEL DE SOUZA SANTOS
3.	ANA FLAVIA SILVA PEREIRA
4.	LUCIMARA MORGADO PEREIRA LIMA
5.	SUZETE PATROCINIO DE SOUZA
6.	ALINE SANTANA OLIVEIRA DA SILVA
7.	LUCIVANIA MOTA DE JESUS
8.	MANUELA DOS SANTOS PEREIRA

Atenciosamente,


 Lícia Maria Freire Beltrão
 Coordenadora Geral


 Gelcivânia Mota Silva
 Secretária Municipal de Educação
 Serrinha - BA
 Port. 459/2013

APÊNDICE B – Carta de apresentação

Sou estudante regular do curso de Especialização em Docência na Educação Infantil e pesquiso sobre o que pensam as crianças acerca da Escola de Educação Infantil, e tenho como objetivo de pesquisa compreender o que as crianças pensam sobre sua própria escola.

Para realizar a referida pesquisa precisarei observar o fazer cotidiano dentro desta instituição, os processos de interação e socialização entre as crianças. Além da observação irei desenvolver algumas atividades em sala e em outros espaços, juntamente com as crianças. Os dados obtidos serão usados somente para fins acadêmicos e de pesquisa, não tendo finalidade de avaliar a Instituição.

Reafirmo que o objetivo da pesquisa não é avaliar a instituição, mas sim investigar acerca das concepções que as crianças têm construídas sobre a Escola de Educação Infantil, Assim venho por meio desta carta comunicar a este Centro Municipal de Educação Infantil as minhas intenções de pesquisa e solicitar a colaboração para que possa desenvolver atividades com maior frequência neste espaço.

Portanto afirmo que a pesquisa será desenvolvida dentro dos princípios éticos e morais, preservando a integridade e identidade de todos os colaboradores.

Disponho-me desde já, a partilhar os resultados desta pesquisa com esta instituição, se assim desejarem.

Atenciosamente,

Lucivania Mota de Jesus

APÊNDICE C – Roteiro de observação

Objetivo: observar como as crianças socializam e interagem entre si mediante as atividades propostas bem como as atitudes que evidenciam ou não atitudes de satisfação com a escola.

Porque observar: o tipo de questão levantada exige observação.

O que observar: as crianças em sua interação com os colegas e suas atitudes em relação à escola.

Como observar: visualizar atitudes a fazer anotações posteriores. Nos horários de entrada, saída, assim como em sala de aula, desde a rotina perpassando pelas atividades propostas.

Onde observar: no pátio; sala de aula, refeitório.

APÊNDICE D – Atividades desenvolvidas na construção dos dados

1. Roda de conversa sobre a escola

No momento da rodinha perguntar:

O que mais gostam de fazer aqui na escola?

E qual é o lugar da escola que vocês mais gostam?

E o que é que gostariam de fazer e ainda não fizeram aqui?

2. Registro por meio de desenhos sobre a creche

Pedir às crianças que desenhem:

- Algo que mais gostam de fazer;
- O lugar que mais gostam na escola;

Sempre que possível ir perguntando sobre o que estão desenhando e por quê.

Outros questionamentos também podem ser feitos para que as crianças possam expressar os pensamentos e concepções acerca da creche.

3. História para completar

Contar a história de uma escola para crianças

Era uma vez um monte de adultos de uma cidade que queria construir uma escola só para crianças, mas eles não sabiam do que as crianças mais gostavam. Então decidiram perguntar para as crianças.

Vamos ajudar esses adultos?

Vamos dizer a elas como deve ser uma escola só para crianças?

O que tem de ter nessa escola para ser bem legal?

O que não pode ter nessa escola, pois fica ruim?

À medida que for necessário ir fazendo outras perguntas e/ou questionamentos conforme as crianças forem respondendo.

APÊNDICE E – Registros por meio de desenhos (o que mais gostam de fazer e o lugar eleito como favorito na escola)



Desenho feito por Alécia em 08-03-16.



Desenho feito por Yasmim em 08-03-16



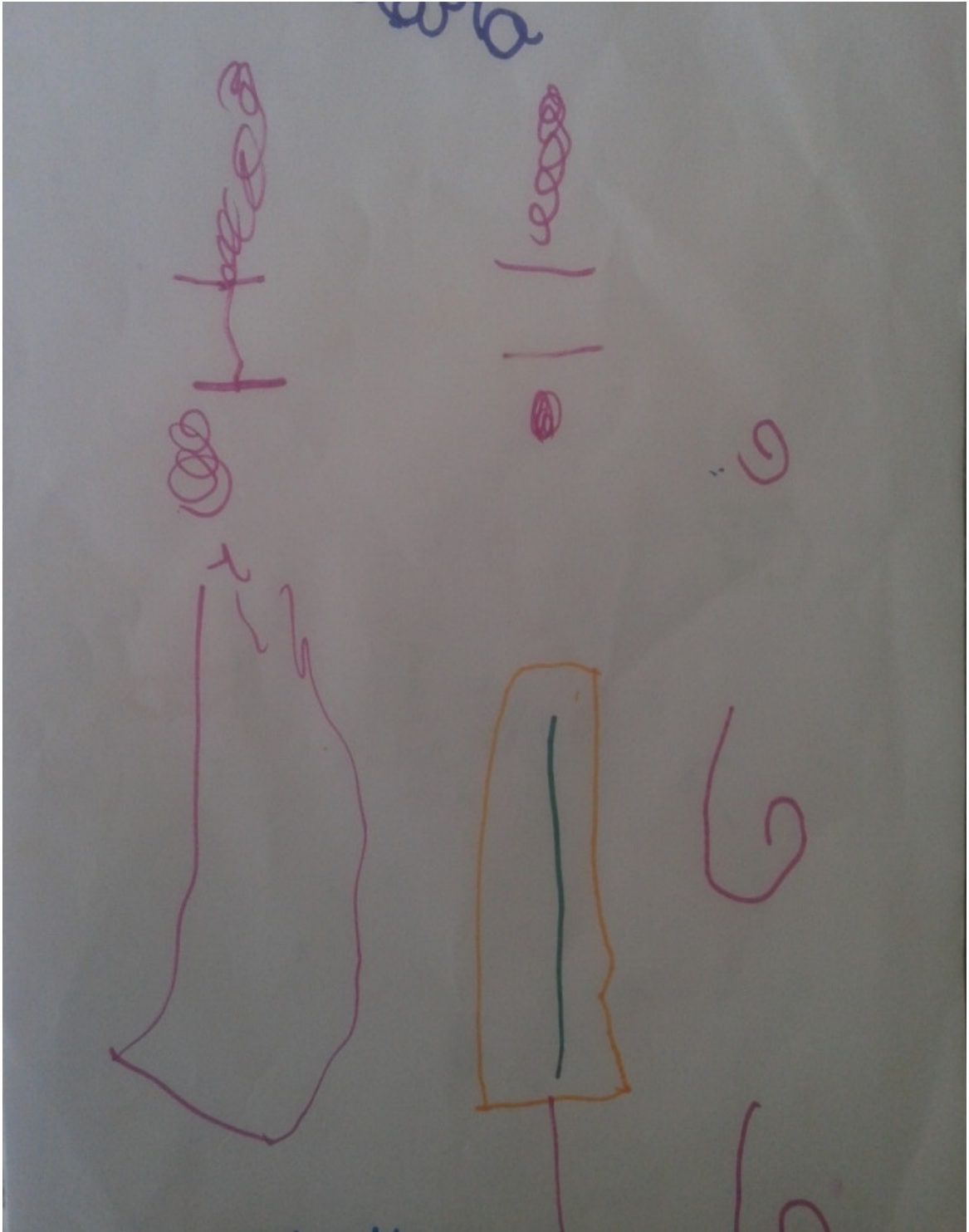
Desenho feito por Elaine em 08-03-16



Desenho feito por Adriele em 08-03-16



Desenho feito por Maísa em 08-03-16



Desenho feito por Tájila 08-03-16